LITEROMANCIA

contos

quadrinhos

resenhas

ilustrações

e mais!

Volume 1 | Nº 4 | 2020

EXPEDIENTE

Volume 1 | Nº 4 | 2020

A Literomancia é uma publicação trimestral e completamente gratuita especializada em Literatura Especulativa. O objetivo da revista é a valorização do criador de histórias como profissional para incentivar e promover o ramo literário.

Capa: Pablo Peixoto — inspirado nas artes de Ömer Tunç e Stephen Somers
Ícones: Pablo Peixoto
Diagramação: Luana Nicolaiewsky
Editora e Coordenadora de mídias sociais: Marcela Bezerra
Diretor de redação: Dré Santos
Diretor de arte: Pablo Peixoto
Editora-chefe: Luana Nicolaiewsky
Redatores: Dré Santos, Luana Nicolaiewsky e Marcela Bezerra
Revisão de texto: Marcela Bezerra
Revisão literária: Dré Santos e Luana Nicolaiewsky
Entrevista: Pablo Peixoto

ISSN 2675-1887
Publicação independente
Periodicidade: trimestral
Direção: André Santos (dre.santos@literomancia.com.br)
e Luana Nicolaiewsky (luana.nicolaiewsky@literomancia.com.br)
Endereço: Rua General Jonathas Borges Fortes, 765 – Glória – Porto Alegre/RS – CEP 91710-020

Luana Nicolaiewsky

Graduada em Escrita Criativa pela PUCRS. Publicou em antologia pela editora Bestiário. Trabalha com produção editorial na Artmed Panamericana Editora.

Dré Santos

Graduado em Escrita Criativa pela PUCRS, foi bolsista de IC em projeto de tecnologia e ficção. Foi publicado em antologias pelas editoras Bestiário, Metamorfose, Flyve, AVEC e na revista Dragão Brasil.

Pablo Peixoto

Graduado em Design Gráfico pela Uniritter. Ilustrador e capista de livros independentes e do jornal UniPautas.

Marcela Bezerra

Graduada em Letras Espanhol pela UFPel. Criou e ministrou curso literário na Galeria Hipotética. Trabalhou com criação de conteúdo para mídias sociais na Sefaz-RS e com produção editorial na Artmed Panamericana Editora.

CARTA AO LEITOR

Há essa história de uma baleia que nada sozinha pelo mar. Ela migra por vários quilômetros completamente solitária. Não tem família, não consegue interagir com outras baleias, nunca teve parceiro.

Biólogos descobriram, com o tempo, que o problema está na voz dela. O canto dessa baleia solitária se encaixa em um tom tão diferente que as outras não conseguem ouvir, não importa o quanto ela cante. Os cientistas a apelidaram de baleia 52 Hertz, pois essa é a frequência do tom da sua voz. Bem distante das outras, que estão entre 12 e 25 hertz.

Veja, estar sozinho não tem nada a ver com não ter alguém por perto. Uma pessoa pode estar no meio de um mar de gente e, mesmo assim, sentir-se sozinha e isolada.

Estar sozinho é não conseguir se comunicar. É cantar em um tom que ninguém compreende.

As outras baleias podem não ouvir a 52 Hertz, mas hoje, a história dela é conhecida por todos nós. Há até mesmo um documentário em produção. Tudo isso porque, mesmo sozinha, ela não parou de cantar.

Hoje, o mundo inteiro escuta a baleia 52 Hertz.

Se não tem ninguém ao seu redor nesses dias de isolamento, cante. Cante o mais alto que puder. Você tem voz, e nós somos muitos.

Alguém, lá no fundo desse oceano, vai responder no mesmo tom.

CTHULHU - POR DANO-H

OS ADJETIVOS DE LOVECRAFT

Dré Santos

Depois de tanto falar das características ruins dos livros de J.R.R. Tolkien, a nova moda é falar do que há de ruim nos textos de H.P. Lovecraft. Para aqueles que não sabem, Lovecraft é um dos autores mais comentados dos últimos tempos, tanto pelas inúmeras obras com a sua influência direta, quanto pelo fato de vivermos em uma época em que seu racismo, descaradamente presente em algumas de suas obras, pode ser finalmente debatido com um pouco mais de abertura. Nos atendo à questão da escrita, porém, nos deparamos com algumas críticas as quais podemos debater com mais propriedade.

Lovecraft é tachado de mau escritor, em primeiro lugar, pela "inflada" que costuma dar aos seus textos. Histórias que poderiam muito bem ser curtas e objetivas acabavam se tornando longas demais. Devemos lembrar que, na sua época, as revistas pagavam por número de palavras, mas é somente essa a razão? Veja, Tolkien e Lovecraft são contemporâneos, e ambos recebem críticas semelhantes no que tange a questão de se alongar demais em alguns textos. Coincidência?

POR HERNÁN CONDE DE BOECK

Lovecraft escreveu mais cartas do que escreveu contos, e isso fala muito a respeito da sua época, em que as primeiras fotografias coloridas estavam começando a surgir, assim como o cinema, ou seja, não havia uma forma de se entreter em detalhes e descrições, se não pela pintura e pela escrita. Mas todas as explicações para o que hoje consideramos ruim nos textos desses autores se devem ao fato de serem vítimas do seu tempo? Todas as nossas atividades influenciam a nossa arte. O fato de escrever muitas cartas, sem dúvida, influenciou o estilo de Lovecraft e, por isso, muitos dos seus contos estão no formato de carta, muitas vezes, escritas pelo próprio protagonista.

Um dos contos bastante criticados pela extensão exagerada é *Nas montanhas da loucura*, — um dos que dá seguimento à tradição iniciada por Mary Shelley de retratar cientistas que ousam se aventurar no desconhecido e acabam desenterrando o objeto do terror. Esse seguimento, que mistura ficção científica com terror, exige a parte científica, parte essa que Lovecraft se dedica a explicar nas primeiras páginas, visto que o texto está escrito sob o ponto de vista de um geólogo que não poupa detalhes técnicos de toda a viagem que faz ao Ártico para explorar suas geleiras (o mesmo lugar onde o cientista Victor Frankenstein é encontrado à beira da morte pelo capitão Walton, no livro de Shelley). A ideia é conferir verossimilhança a um texto que, se deveria ser curto pela natureza da história, que ao menos possua informações relevantes sobre como se faz uma exploração do

tipo e quais as suas dificuldades.

Outra crítica bastante levantada a respeito dos textos de Lovecraft, que também está presente nos textos de Poe, está na sua constante adjetivação. Inominável, indizível, indescritível. Esse tipo de crítica faz pensar se há uma lógica concreta por trás da crítica ou, se apenas porque se leu em algum lugar que usar adjetivos é errado, a ideia foi simplesmente reproduzida.

Ou seja, você sabe por que se deve evitar adjetivos?

Essa noção surgiu a partir da escrita realista, da técnica de autores como Ernest Hemingway, de sempre "mostrar" tudo e nunca "dizer" nada. Professores experientes reproduzem esse ensinamento, pois é base, é fundamental da escrita criativa saber agilizar o texto através de várias técnicas, como a de suprimir adjetivos que não mostram nada, mas apenas dizem. Porém, depois de se aprender o fundamental, a prática leva o escritor a desenvolver sua própria voz. Todos nós sabemos que grandes autores não respeitam nenhuma das dicas dadas por professores de escrita. Muitas vezes, não respeitam nem mesmo suas próprias dicas. Edgar Allan Poe escreveu um texto com sua própria definição de conto, porém, não o respeitou nos seus, nos deixando a eterna dúvida se alguns dos seus textos se tratam de contos ou de novelas.

Adjetivos não significam nada. Dizer que alguém é bonito não nos responde o porquê desse alguém ser digno de tal classificação e, justamente por isso, deve ser evitado por iniciantes, que geralmente fazem uso deles por preguiça de trabalhar em uma descrição adequada do personagem, um problema que se agrava quando, na literatura fantástica, o ato de descrever vem sendo alvo de críticas graças aos debates acerca dos supostos exageros de Tolkien. Isso faz com que, em vez de aprimorar sua técnica de escrita, o escritor iniciante abandone completamente esse aspecto tão importante e precioso em um texto literário.

Lovecraft vem da escola de Poe e passou a vida refinando esse estilo literário e trabalhando a ideia de que o verdadeiro terror reside no desconhecido. Quando associamos isso à noção de que o adjetivo diz algo sem mostrar nada, nos sentimos perdidos no vazio das nossas próprias mentes, nos permitindo apenas tangenciar a ideia do verdadeiro terror que se esconde logo ali, por trás de um véu fino — uma sensação que Lovecraft nos passa de maneira proposital e estudada. Se você gosta da técnica ou não, isso é uma característica pessoal. Há quem não goste daqueles que tomam certas liberdades poéticas na pontuação de um texto, mas dizer que autores como Proust, Virginia Woolf, Saramago, Joyce, Beckett e Faulkner são ruins em razão de seus textos em fluxo de consciência, onde a pontuação é muitas vezes ignorada, é uma coisa bem diferente.

H.P. LOVECRAFT - POR IRENHORRORS

PETER PAN

Dré Santos

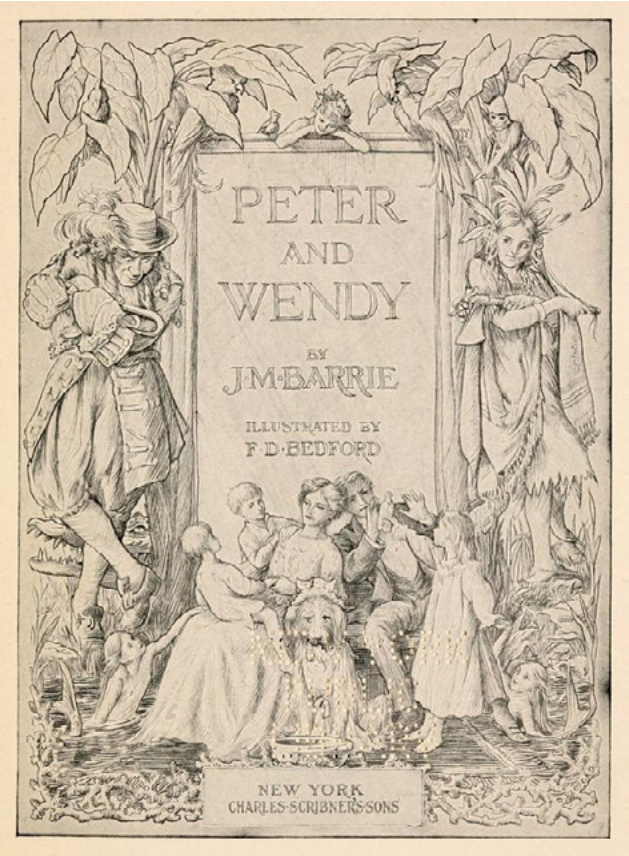
A fantasia é real. Muitas vezes, mais real do que a própria realidade.

A prova disso é que temos vários exemplos de histórias e textos fantásticos sendo usados por psicólogos para explicar assuntos da mente. O próprio termo "fantasia" tem um significado especial na psicologia, e foi tratado como um mecanismo muito positivo de defesa por Sigmund Freud.

Uma interessante forma com a qual fantasia se relaciona com a realidade e a explica melhor do que a própria realidade é, por exemplo, a de como *Peter Pan*, de J.M. Barrie, foi usado para expor e exemplificar certos fenômenos modernos, como o da relação de certos tipos de homem, como os INCELs — celibatários involuntários, com uma visão deturpada sobre a vida e as mulheres. Lembrando, é claro, que isso não é uma generalização, e muito menos estamos declarando que o que está escrito a seguir foi a intenção do autor desde o início, visto que, inclusive, alguns detalhes aqui não fazem parte da obra original. Esse texto é apenas uma extrapolação de ideias.

Peter Pan não é uma criança, mas sim um adulto que não quer crescer. Na primeira versão da história, J.M. Barrie criou Peter como um vilão que sequestrava as crianças porque não tinha com quem brincar. Inclusive, jogava-as no mar quando envelheciam, o que fez nascer a teoria de que os piratas eram, na verdade, essas crianças jogadas fora. Veja, Peter representa, na nossa analogia, o homem que não quer crescer.

Wendy, uma das poucas personagens femininas da história, é uma menina que vive a sua infância de maneira completa: se diverte, sonha, conta histórias. Porém, com o tempo, passa a sonhar em ser adulta e até ter seus próprios filhos. Peter tenta convencer Wendy a não fazer isso, a ser criança para sempre. Mas ele falha. Wendy quer crescer e ele não, ela convence os meninos perdidos a irem embora da Terra do Nunca e tenta convencer o protagonista a fazer o mesmo, mas ele se recusa e vai embora sozinho para o seu isolamento. Ainda assim, mesmo distante, Wendy mantém a fé em Peter para sempre.



PETER AND WENDY - POR F.D. BEDFORD

Algo muito interessante na história é o fato de Peter Pan ter uma sombra. Uma sombra que se move sozinha, tem vida e vontade própria. Peter não tem controle sobre ela, então, ele conhece Wendy e é ela que se torna responsável por costurar a sombra em Peter novamente. É interessante conseguir enxergar aqui um exemplo de relação moderna.

Sininho é outra personagem extremamente importante nessa alegoria. A Sininho, na história da Disney, é muito mais sexualizada que Wendy, usa roupas curtas e justas, é vaidosa, se perde analisando suas curvas no espelho. Sininho é a idealização de mulher criada por Peter. Há quem a relacione, inclusive, com a pornografia. Por isso ela é uma fada, por isso ela não existe, por isso os meninos perdidos precisam repetir o tempo inteiro que acreditam nela, pois só assim ela pode existir. No início do filme da Disney, quando Peter está tentando controlar sua sombra, Sininho fica presa na gaveta enquanto Wendy costura a sombra do menino de volta nele. Quando usamos a fantasia para compreender algo, o real se torna mais nítido. Esquecemos o mundano todos os dias. Uma viagem de ônibus de meia hora se passa em um piscar de olhos quando estamos acostumados com o trajeto. E mesmo que algo de muito diferente aconteça, nem sempre aquilo se torna relevante o suficiente para lembrarmos.

O nosso cérebro funciona por associação.

E não existe melhor forma de associação do que metáforas. A memória fotográfica, por exemplo, é um assunto controverso. Os maiores campeões de jogos de memorização não são pessoas que nasceram com o dom de memorizar, mas sim, pessoas que praticaram, que fizeram exercícios e trabalharam a mente. Um desses exercícios é o de criar um palácio da memória. Ao memorizar um baralho, por exemplo, você

PETER AND JANE - POR F.D. BEDFORD

associa cada carta a algo dentro do seu palácio da memória.

Fazer com que o leitor crie, por si só, essa associação dentro da sua cabeça é algo extremamente poderoso. Pode fazer com que ele jamais se esqueça da sua história. Principalmente se essa associação estiver relacionada com algo da vida dele. Algo profundo, mas que ele reconheça. Por isso é tão importante para escritores desenvolver a capacidade de colocar no texto algo da sua experiência pessoal de vida, algo que represente de fato o que sente. A história de Peter Pan usa e abusa de metáforas, a ponto de nos permitir criar mais de uma dessas associações, e é o que faz dela uma história que repercute além do seu próprio tempo.

Por curiosidade, originalmente a história se chamava *Peter e Wendy*.

PROFISSIONALIZAÇÃO:
Pagar para ser publicado?

Dré Santos

IMAGEM: PIXABAY

Vale a pena pagar para ser publicado, ou não? Há tantas respostas diferentes para esta pergunta, que ela acaba nos levando a apenas uma resolução: estamos fazendo a pergunta errada. Mas, então, qual é a pergunta certa? Desde quando começamos com a revista, temos a seguinte dúvida em mente: o que significa ser um escritor profissional? Um escritor profissional é aquele que teve um livro só seu publicado, é aquele que vive dos royalties, ou é aquele com uma formação de nível acadêmico? Mas e se o livro não foi publicado por uma editora tradicional? E se ele vive do conhecimento que a escrita lhe deu, mas não necessariamente dos royalties dos seus livros? E se o autor tem o conhecimento no nível acadêmico, mas não tem um diploma na área?

Talvez, a pergunta correta a se fazer seja: qual é o seu objetivo como escritor?

Muitos autores iniciantes gostam, por exemplo, de colocar características cinematográficas dentro do seu texto. A ideia parece lógica. A indústria do cinema é imensa e faz sucesso, logo, se eu colocar características do cinema no meu texto, posso me aproximar desse sucesso. Nesse ponto, o autor iniciante acaba por esquecer totalmente que está escrevendo um texto literário, e não faz sentido, para o leitor, ler um livro com características cinematográficas quando o cinema existe para isso. É como um pintor tentando fazer sucesso no mundo da arte apenas descrevendo suas pinturas em textos.

Toda arte, de fato, se intercala. Um escritor pode aprender muito sobre escrita observando uma boa pintura com atenção e cuidado. Porém, é impossível escrever um texto descrevendo a obra até o ponto em que se iguale à própria pintura. Um texto jamais substituirá uma pintura, e uma pintura jamais substituirá um texto. O mesmo vale para o cinema e a literatura. Observe esse tópico dos apanhados da nossa segunda edição, que publicamos no site:

> É interessante como o RPG formou uma geração inteira de leitores e de escritores. São pessoas de imaginação muito vívida e fértil, mas há um porém em seus escritos: visualização. Por exemplo, dizer que um mago dispara uma bola de fogo pelas mãos não é o mesmo que dar detalhes a respeito, contar coisas que só a literatura pode contar: como os pelos queimados que cheiram mal em suas mãos, a mancha que a luminosidade deixa em sua vista, a intensidade do calor abrindo seus poros e fazendo o manto irritar sua pele. A literatura é mágica, pois apenas ela nos permite visualizar algo de maneira tão profunda, praticamente nos colocando naquela situação, nos tirando da condição de meros espectadores.

Há muitas coisas que só a literatura pode mostrar. Se as suas maiores influências literárias são séries e filmes, será que é mesmo na escrita de contos e romances que você quer estar?

Não temos como responder com exatidão o que é um escritor profissional; contudo, na nossa opinião, gostar de ler e escrever dentro da sua própria concepção de escrita criativa é o começo do caminho para a profissionalização. E é, então, nesse exato momento, que se abre diante de um escritor o temível **mercado**. Existe uma maneira fácil de obter um olhar profissional de si próprio, que é por comparação. Que características você procuraria em uma pessoa que precisasse fazer uma cirurgia em você? Essas mesmas características são as que você precisa correr atrás para se considerar um escritor profissional. Mas há um porém bem óbvio aqui: medicina não é um mercado, ou, ao menos, não deveria ser. É algo bastante diferente do mercado literário, em todos os aspectos. Um médico não é um artista, não está em busca de um público, na verdade, de certo ponto de vista, um oncologista, por exemplo, prefere que seus clientes não precisem mais dele depois de tratados. Ainda assim, ao se comparar com outros profissionais, há coisas em comum: há um investimento em educação, um investimento em material e uma comprovação de qualidade do serviço.

Educação. Nem todos têm o privilégio de ter uma graduação em escrita criativa acessível, portanto, a forma de se investir em educação é lendo livros teóricos. Não apenas um, mas vários. Cuidado com os livros feitos por escritores sem formação acadêmica, a maioria são apenas livros de experiências pessoais e não envolvem teoria. Em muitos lugares, principalmente nas capitais, é possível encontrar cursos e palestras de escrita criativa. Compareça sempre. Guarde os certificados com carinho. Demonstre sua admiração pelo trabalho alheio, quando for sincera.

Material. Você precisa de um computador para escrever, e esse computador precisa dos programas específicos. Sua visão vai ficar cansada e você precisará de óculos de descanso. Suas costas vão doer e você vai precisar de uma cadeira boa. Você vai dormir babando no teclado todo e precisará manter-se desperto.

Qualidade. Existe apenas uma forma de comprovar qualidade: mostrando seu trabalho para outras pessoas e analisando suas opiniões. É dever fundamental do escritor saber quando uma crítica é fruto de uma questão pessoal e quando é uma opinião sincera e técnica. A única forma de saber disso é através do estudo. Cabe ao autor saber filtrar o que falam a respeito do seu material e transformar tudo o que ver, ouvir e sentir em oportunidade de melhoria. Uma das melhores formas de submeter seu material ao julgo sincero é enviando-o para antologias e revistas literárias.

Há maneiras de fazer isso de graça. Existem artigos científicos gratuitos na internet. E você pode acessar de computadores alheios, como em bibliotecas públicas. E a maioria das antologias e revistas literárias têm envio digital. Nada de ter os Correios cobrando uma pequena fortuna de você.

Agora, digamos que você tem tudo isso. Você estudou vários livros e artigos, estudou outros autores, fez cursos, compareceu a centenas de palestras, sabe lidar com todo o material que adquiriu, domina seu processador de textos como se fosse uma extensão sua e não do computador e tem contos publicados em antologias e revistas literárias. Então, você tentou publicar pelas vias gratuitas e, mesmo assim, sua profissão não está indo para frente. Você realmente acredita que seu material é bom, por mais que tenha dado para outras pessoas lerem e a reação não tenha sido tão positiva. Você acredita que, com o peso do nome de uma editora por trás, com o material impresso em mãos, revisado por terceiros, seu livro e sua carreira possam finalmente deslanchar. Então, pagar para ser publicado é uma opção. Você tem plena noção de que, não importa a fama da editora, ela terá você nas mãos para não pagar os seus royalties, para cometer erros gráficos e de revisão e não se retratar, para não fazer nenhuma divulgação especial, para enviar seu texto para parceiros que podem acabar falando mal dele, para não cumprir com promessas mesmo quando escritas em contrato. Nesse caso, podemos voltar para a pergunta: *vale a pena pagar para ser publicado, ou não?*

Bom, infelizmente nós não sabemos.

DANIEL GRUBER

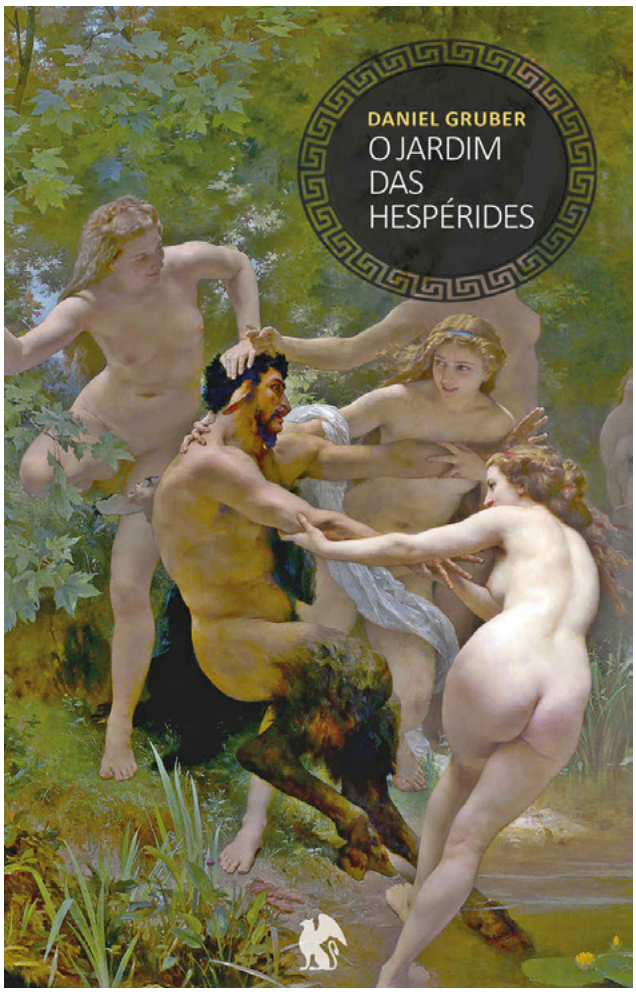
Daniel Gruber é fã de filmes de terror desde criança. Cursou Jornalismo, é mestre em Processos e Manifestações Culturais e doutor em Escrita Criativa pela PUCRS. Publicou os livros de contos *O Jardim das Hespérides* e *Animais diários* pelo seu próprio selo, O Grifo.

Sua tese de doutorado, *A Noite do Cordeiro*, é um romance sobre seitas fanáticas e caça às bruxas no Brasil colonial, que será publicado em 2021. Este ano ainda, o autor lançará outra história de terror, *A floresta*, exclusivamente na Amazon, pelo Kindle Direct Publishing.

LT — Olá, Daniel! Seja bem-vindo à Literomancia, agradecemos a presença.
Gruber — O prazer é todo meu. A revista está excelente, é uma contribuição mais que necessária à literatura de gênero no Brasil.

LT — Daniel, na sua visão, o que o escritor precisa para se considerar profissional? Essa é uma preocupação que ele deve ter em mente sempre? Você consegue se ver como um escritor profissional?
Gruber — Eu me considero escritor, já superei a fase da síndrome do impostor, mas "escritor profissional" é outra categoria, que tem a ver com o posicionamento no mercado. Esse caminho é certamente o mais angustiante, pois depende de outros fatores além da escrita. Cada vez mais está sendo exigido que o escritor seja também um influenciador digital e, como editor dos meus próprios livros, entendo as mudanças pelas quais o mercado tenha que passar. Vender livros no Brasil é difícil para todos (menos para a Amazon), então as editoras apostam em autores que já têm público. Infelizmente, essa "seleção natural" é cruel e alheia à qualidade das obras. A profissionalização do escritor, então, depende do seu objetivo: se ele quer ganhar prêmios literários e elogios de leitores seletos, eu diria para se focar apenas na escrita. Mas, se quer vender livros, precisa pensar na produção de conteúdo para as redes sociais. Leva tempo, dá trabalho e exige habilidades que muitos de nós não temos. É até paradoxal: geralmente nos tornamos escritores porque somos antissociais em algum nível. Contudo, ainda não descobri outro jeito de fazer a obra chegar aos leitores.

LT — Sobre a temática de *A Noite do Cordeiro*. Todos temos uma imagem pronta da bruxa. Como a bruxa brasileira do período colonial contrasta com a bruxa do imaginário popular?
Gruber — A bruxa do Brasil colonial se assemelha à bruxa medieval: mulheres que tinham conhecimentos sobre curas e adivinhações. Hoje, convivemos tranquilamente com esse universo,



pessoas de todas as classes sociais consultam horóscopo, cartomantes, fazem simpatias de amor etc. Mas até o fim do século XVIII, período em que a Igreja Católica estava em guerra com as igrejas reformadas e que a globalização incorporava culturas do Oriente nas nações cristãs, qualquer tipo de misticismo era perseguido e reprimido. Considerando que a maior parte dos místicos perseguidos eram mulheres pobres, podemos compreender que a caça às bruxas estava muito imbuída pela visão patriarcal, na qual mulheres dissidentes eram vistas como indivíduos perigosos à ordem social. A lenda das bruxas nasce dessa histeria coletiva popular e termina no Estado absolutista teocrático. Embora em intensidade bem menor, houve perseguição a feiticeiras, e o medo de bruxas em Portugal e no Brasil. Foi esse cenário pouco conhecido da nossa história que tentei trazer no romance, aliado a um enredo de constante tensão e pavor.

LT — O terror tem vários aspectos: o cósmico, o gore, o horror. Quais deles nós podemos esperar em *A Noite do Cordeiro?*

Gruber — *A Noite do Cordeiro* se identifica com um subgênero chamado folk horror, ou terror rural. É ainda pouco conhecido do público leigo, mas está ganhando cada vez mais contornos de críticos e pesquisadores. São histórias que tratam de seitas exóticas, rituais "estranhos", conflitos religiosos, fanatismo, geralmente ambientados em lugares selvagens e isolados. Exemplos de produções de terror rural são *O homem de palha, As bodas de Satã, True detective, A bruxa, Midsommar* etc.

LT — Daniel, você é um autor de antologias e contista premiado, que dicas você daria para os autores que nos enviam contos?

Gruber — Minha intenção sempre foi ser romancista, comecei a escrever contos como exercício. Acabei publicando duas coletâneas, recebi alguns prêmios e ouvi leitores dizendo que eu era um contista promissor. Isso foi uma grande surpresa. Uma das coisas que eu gosto do conto é que ele não tem uma forma definida, essa liberdade foi o que me atraiu ao gênero. Para quem decidir escrever contos, nunca se esqueça de que o mais importante é o fechamento. Todo o resto vai por água abaixo se o desfecho do conto não for satisfatório. E ele precisa ser forte. Não importa se tenha dois parágrafos ou vinte páginas, precisa ser um soco no estômago do leitor.

Muito bem, vamos conferir um capítulo de *A Noite do Cordeiro*, de Daniel Gruber!

CAPÍTULO INÉDITO DO ROMANCE *A NOITE DO CORDEIRO*

Daniel Gruber

Enquanto dava de comer às galinhas, Brites Pereira se distraiu com uma nuvem de moscas rondando qualquer coisa na entrada da mata. Se aproximou devagar, porque as carcaças de animais sempre espalhavam doenças, e mesmo assim tomou um susto. O cachorro morto, de grande porte, tinha sido aberto na barriga, por um ferimento de onde saíam suas tripas já secas e devoradas pelas formigas: um sinal da natureza.

Foi até em casa buscar uma faca. Ao voltar, estendeu um cueiro negro sobre a grama, ajoelhou-se diante do corpo e arregaçou as mangas do vestido. Prendeu os cabelos dentro do lenço, fez grande força com os braços sobre a cabeça do animal e cortou-a da garganta ao lombo. Ao chegar no osso, buscou uma pedra e bateu com ela no cabo da faca, como um martelo, até que a lâmina destrinchasse por completo o osso da coluna vertebral e a separasse do corpo. Com a ponta da faca, arrancou os dois caninos do focinho. Em seguida, extraiu os olhos das órbitas. Amarrou tudo num saco.

Na parte de dentro do corno de um bode, Brites depositou uma estriga de palha de milho, os olhos e o sangue do cachorro, recheou com sal, vinagre, grão de mostarda, unhas humanas e folhas de arruda. Colocou o chifre sobre as brasas da lareira e mexeu com um filete de osso até que o caldo começasse a ferver. Fazia muito tempo que não preparava uma mezinha tão poderosa, mas era preciso. Em breve seria necessária.

Brites havia deixado de fazer feitiços alguns anos atrás, desde que a visitação do Santo Ofício aportara na Bahia. Sabia muito bem como funcionava a rede de testemunhas que se espalhavam pelas povoações sertão adentro, com olhos onde nem o diabo alcançava. E sabia o que aquela gente fazia com mulheres como ela, ensinadas na velha arte das moiras. Só de pensar, subia um líquido quente pela garganta.

Algumas semanas atrás, por sugestão da avó, Mariana Soares a procurou para que lhe fizesse um feitiço de benquerença. Brites perguntou à menina se já tinha descido seu sangue da idade e ela lhe confirmou que sim, então Brites ordenou que retornasse assim que viesse seu próximo sangue, trazendo um pano manchado com ele, além de um objeto pessoal do rapaz.

Eufórica, Mariana voltou dali a alguns dias com o que Brites lhe pediu. Fecharam-se dentro de casa para preparar o encanto, enroscando seus braços e dividindo os afazeres entre risadas, como se estivessem apenas preparando um jantar. Embora Brites tivesse idade para ser sua mãe, Mariana sentiu como se segredasse paixões a uma irmã, na falta que tinha de convívio com outras moças.

A feiticeira foi buscar um saco com um casal de pardais capturados enquanto se acasalavam. A parte mais desagradável daquele ritual era vê-los. Se morressem com os bicos virados um para o outro, a pessoa desejada lhe teria amor. Se morressem rabo com rabo, se afastaria.

Brites entregou o saco nas mãos de Mariana e falou:

— Agora depende de ti. O quanto queres saber?

A menina respondeu com impetuosidade: colocou o saco sobre a mesa, virou o rosto, fechou

os olhos e o esmagou com uma panela. Não teve coragem de olhar dentro e pediu que a mulher conferisse.

— Bico com bico — ela informou.

Mariana sorriu alegre.

Em seguida, Brites desenhou um círculo com sal no chão, para proteção delas, e acendeu três candeias e distribuiu ao redor. No centro, colocou uma imagenzinha de barro e uma rosa, trazida por Mariana, que tinha sido dada a ela pelo rapaz. Derramou o caldo preparado no fervedouro e começou a conjurar os demônios:

— Erguei-vos! Eu vos alevanto, com Barrabás e Satanás e Caifás, e com Lúcifer e com Santo Erasmo, vos conjuro com todos os diabos que alevanteis e me ajudais, e vades onde eu vos mandar e fazei tudo o que eu quiser!

Mariana se assustou, mas resolvida a ir até o fim.

— Que assim ferva o coração do dito cujo — continuou Brites — e ele venha com sua natura, muito alvoroçado, buscá-la para ter contigo. Eu te ato ao caralho e aos colhões do dito cujo, para que ele não possa dormir com nenhuma mulher senão contigo!

As duas se olharam e deixaram escapar uma gargalhada.

Brites instruiu Mariana a buscar um sapo no brejo, costurar sua boca e os olhos, e o deixar dessecar ao sol. Quando estivesse bem duro, deveria enterrar no quintal de casa, debaixo da janela onde dormia. Mesmo assustada, Mariana concordou com firmeza: estava disposta ao que fosse para realizar seu desejo.

Brites tinha apenas nove anos quando assistiu a um auto de fé em Évora, antes de vir para o Brasil. Ficou impressionada com tudo que viu, parecia uma grande festa popular. Centenas de pessoas vieram às ruas e se aglomeraram em volta dos palanques, juntavam-se em bancos, nos balcões das casas e dos prédios públicos, pendurando-se em postes, muros e janelas. Até a família real, de passagem pela cidade, veio prestigiar o evento. Ambulantes circulavam entre a multidão com quitutes e beberagens.

O inquisidor-mor apareceu por volta das nove da manhã, sob uma barulhenta onda de aplausos, acompanhado de uma guarda de soldados e pajens. Os sinos de todas as igrejas tocaram ao mesmo tempo. Os guardas desfilavam em trajes coloridos e carregavam longas hastes e estandartes.

Entre os mais de cem condenados que receberiam a sentença em público naquele dia, quatro seriam mortos, sendo três deles por feitiçaria e pacto demoníaco. Esses eram os mais detestados e recebiam os protestos mais violentos dos que se reuniram na Praça do Giraldo. Alguns dos condenados tinham que se retratar, outros recebiam o castigo ali mesmo. Os que já tinham morrido na cela do cárcere foram representados por efígies de suas cabeças, as quais foram incineradas no centro do palco. Pessoas atiravam objetos nelas, como se fossem os próprios condenados ali presentes.

— Enforquem os hereges! — gritavam.

Brites viu um menino da sua idade ser açoitado vinte vezes, apenas por ter dito em público que a lei verdadeira era a de Moisés.

A primeira condenada à execução era uma mulher que admitiu ter feito curas e adivinhas, ter renegando a fé católica e tido ajuda de diabos. Pelo que o inquisidor chamou de "consórcio com o demônio" ela foi presa e teve todos os bens confiscados. Depois de longo processo e reincidência nas práticas, foi finalmente relaxada em carne à justiça secular, isto é, seria queimada. Aquela mulher era tia de Brites.

A sentença foi lida em voz alta e logo após foi dito um sermão. Os inquisidores não ficavam para ver as execuções e entregavam os condenados às mãos das autoridades laicas, pedindo que os queimassem ou pendurassem na forca, porém desejando que, pela graça de Deus, eles não morressem.

Os condenados saíram em procissão até a praça do Rossio e, quando lá chegaram, os soldados, muito alegres, dispararam uma salva de tiros. A noite caiu e havia tantas velas nas mãos da plateia que a praça inteira se iluminou.

Vieram os prisioneiros, em fila, e foram conduzidos até um largo cadafalso, onde havia três cruzeiros de madeira. Na parte de baixo desse palanque ficava um poste rodeado de feixes de palha, cercado com arame, para onde a tia de Brites foi levada. Um a um, os condenados iam sendo pendurados e puxados com o peso dos seus corpos contra a corda que dilacerava sua garganta. Primeiro eles se engasgavam, remexendo o corpo freneticamente, tentando soltar a amarra das mãos. Por fim faziam sons horríveis com a garganta, esbugalhavam os olhos e então silenciavam-se.

A tia de Brites, a última condenada, aguardou até nove da noite amarrada no poste no meio da praça. Completamente suja de lama e resto de frutas e legumes podres que a população lhe atirava, negou-se a rezar. Um guarda se aproximou com a tocha e ateou fogo à pira. Em frenesi, a população não quis esperar para saber se a alma daquela mulher seria purificada, se um sinal de Deus — como uma chuva repentina — a salvaria, ou mesmo se ela desmaiaria com a fumaça antes do corpo começar a queimar, e os gritos de dor e desespero foram perfeitamente abafados pelos alaridos eufóricos da multidão.

Depois que tudo terminou, houve um longo e brutal silêncio. A morte era um alívio depois que a conta de violência do dia fosse saldada.

Brites limpou o canino do cachorro morto e o furou com uma agulha em brasa. Pelo furo, passou um cordãozinho e o amarrou na ponta, e então levou o dente ao pescoço como um amuleto, deslizando-o para dentro da gola. Um dente de cão macho, ao toque da carne, tinha a propriedade de proteger contra todas as dores.

E Brites sabia — ou melhor, ela adivinhara — que em breve precisaria dele.

Larissa Prado

COM NARRATIVAS DE TEMAS ABSURDISTAS E MACABROS, ESTA AUTORA REVELAÇÃO, PREMIADA PELA ABERST, NOS CONTA UM POUCO SOBRE SUA OBRA!

LT — Larissa, conte-nos um pouco sobre você.
Prado — Sempre fui muito curiosa e costumo estudar por conta própria sobre temas que me interessam, já que aprendo mais pelo autodidatismo. Minha primeira experiência acadêmica foi no curso de Jornalismo, mas acabei indo para o curso de História e me formei. Fiz alguns cursos na área de História Cultural e Ensino de História. Hoje em dia, meu interesse em Literatura fala mais alto e estou me especializando na área de estudos literários. De maneira geral, humanidades, linguística e artes sempre me despertaram — e despertam — muito interesse.

LT — Você tem contos e livros publicados tanto de forma independente quanto por editoras. Como é atuar no mercado literário brasileiro nos dias de hoje?

Prado — Em 2016, fui publicada pela primeira vez em uma antologia de horror. Não tinha ideia de como era o mercado literário, pois eu vinha de um meio independente, postando meus textos na internet, experimentando a ferramenta de autopublicação. Mas, na questão de vendas, marketing e tudo o que envolve o mercado, eu não tinha qualquer tipo de preparo. O mercado literário no Brasil — e principalmente para a literatura de gênero — é complicado, por N motivos, mas eu percebo um aumento de possibilidades para autores independentes com ferramentas como o Kindle Direct Publishing, da Amazon. Além do mais, editoras médias e pequenas estão com iniciativas que abrem portas para o autor independente. É um momento bom para a literatura de terror, se compararmos com alguns anos atrás. O gênero está expandindo, atraindo mais leitores e recebendo mais apoio.

LT — Você ganhou o prêmio de Autor Revelação, na Horror Expo 2019, com o ebook *O rastro da serpente*. Nos conte um pouco sobre essa experiência.

Prado — Nunca imaginei que algum dia receberia um prêmio literário, nem em meus sonhos mais distantes. Para ser honesta, eu não sabia nem se conseguiria seguir como escritora. Eu escrevo e pronto. Nunca esperei nada disso, apenas preciso escrever. Nos últimos anos, aconteceram muitas coisas boas, pessoas começaram a ler mais minhas histórias e me procuraram para dar feedbacks super bacanas. O prêmio da Associação Brasileira de Escritores de Romance Policial, Suspense e Terror (ABERST) foi uma das coisas mais surreais que me aconteceram e ressignificou tudo. Foi emocionante, porque o prêmio veio justamente da receptividade dos leitores, do interesse por minhas histórias. Depois dele, aumentou o número de pessoas interessadas em conhecer o meu trabalho e algo mudou em mim como escritora, aguçando a necessidade de criar boas histórias e me fazendo ter mais fôlego para isso.

O livro que enviei para a premiação, *O rastro da serpente*, surgiu de uma ideia que eu alimentava há tempos, queria escrever sobre possessão, mas que fosse algo diferente do que já li e vi em filmes. Quando vou criar minhas histórias, sempre busco algo diferente, reaproveito e exploro velhas receitas para desconstruir e ressignificar as possibilidades do gênero. Eu diria que sou uma eterna buscadora e experimentadora na arte da escrita, e esse caminho é repleto de fracassos — mais do que acertos —, mas quando a coisa dá certo, todo o esforço é recompensado e ressignificado.

LT — Como foi seu primeiro contato com a literatura e, especificamente, com o terror?

Prado — Eu leio desde a infância. Comecei com contos de fadas e histórias em quadrinhos. Quando era criança, me encantava com as figuras que representavam o mal ou o sobrenatural. Eu gostava de sentir medo. Conforme fui crescendo, entrei em contato com jogos e filmes de terror, e, através dessas mídias, esse gênero ganhou terreno na minha vida. Naturalmente, depois de ser envolvida por essas narrativas, eu busquei me aprofundar na literatura de terror. Devo meu primeiro contato com o gênero na literatura a Edgar Allan Poe, com o conto *O gato preto*. Foi com essa história que mergulhei de vez na literatura de terror.

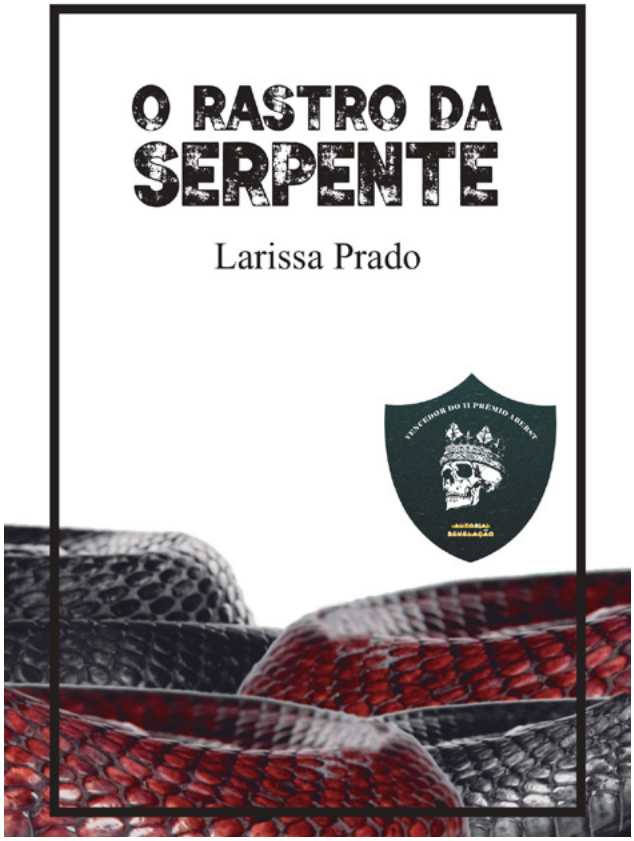
LT — Você acha que suas histórias possuem uma identidade própria?

Prado — Eu sempre tentei e tento trazer essa identidade própria às minhas histórias. Tento pensar em algo que as torne únicas. Na maioria das vezes, foco nos personagens para que agreguem bastante personalidade à história narrada. São eles que me ajudam na difícil tarefa de inovar, de dizer o que já foi dito tantas vezes, de outras maneiras. Todos os personagens possuem algo meu, por mais que tente me distanciar deles; porém, ainda não houve esse personagem com quem me identificasse inteiramente. Eles acabam se tornando pessoas independentes de mim — o que me lembra algumas histórias que já li sobre

personagens que ganham tanta independência que acabam confrontando seus criadores (como Dom Augusto Pérez, em *Névoa*, de Miguel de Unamuno, ou Esther, em *A falsa Esther*, de Pierre Louÿs), extrapolando as narrativas para as quais foram criados. Tento deixar meus personagens livres, me distanciar, e é comum que eles conduzam as próprias histórias sem que eu tenha controle sobre elas. Essas experiências são as que mais me enriquecem e me divertem.

LT — Lendo seus livros, podemos claramente ver referências dos mestres do terror, como Edgar Allan Poe, Franz Kafka e Stephen King. Há também escritores nacionais que te inspiram?
Prado — Com certeza. Escritores nacionais, latino-americanos, africanos, russos, enfim, autores que fogem da tradicional literatura europeia ou norte-americana. Entre os nacionais, li bastante Machado de Assis, Murilo Rubião, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles e Castro Alves. Durante muito tempo, também fui fascinada — e ainda sou — pela poesia de Augusto dos Anjos e Rubem Fonseca. São muitos nomes de escritores nacionais que me influenciam, mesmo que não tenham produzido no gênero terror. Indico um livro muito interessante intitulado *Academia sobrenatural brasileira de letras*, organizado por Romeu Martins e publicado pela editora DarkSide, que traz inúmeros contos de autores nacionais que flertaram com o sobrenatural e nem imaginávamos. Entre eles, destaco Fagundes Varela e Júlia Lopes de Almeida. Além de escritores clássicos da nossa literatura, eu gosto muito dos trabalhos de alguns autores contemporâneos que enriquecem a literatura nacional atualmente, como Cesar Bravo, Oscar Nestarez, Gustavo Czekster no terror, Cláudia Lemes nos thrillers, Larissa Brasil no suspense.

LT — Quais são seus próximos planos de carreira?
Prado — Tenho alguns planos para 2020. A experiência com o financiamento coletivo do meu livro *O balé das aves mortas*, pela editora Skript, abriu novas perspectivas para meu trabalho e,



para o próximo ano, virão novas parcerias com a Skript. Pretendo presentear os aficionados por horror cósmico com contos antigos — e inéditos — que estou aprimorando, baseados na mitologia lovecraftiana. Estou escrevendo em parceria com uma autora e amiga de Goiânia, e a história estará disponível para download este ano. Além do mais, as histórias estão sempre em movimento e muita coisa ainda pode acontecer!

LT — Para finalizar, qual é seu top 5 de melhores obras de terror/horror?
Prado — É muito difícil eleger esse top 5, sempre sinto dificuldade quando me perguntam isso. Algumas obras se tornaram atemporais e muito importantes para toda geração de leitores e escritores de terror/horror depois delas. Além disso, há obras contemporâneas que exerceram uma mudança importante na forma de se fazer terror nos tempos atuais. Escolhi cinco obras que provavelmente não irei alterar por um bom tempo: 1) *Frankenstein*, de Mary Shelley; 2) *Histórias extraordinárias*, de Edgar Allan Poe; 3) *O rei de amarelo*, de Robert Chambers; 4) *O terror*, de Arthur Machen; 5) *IT (A coisa)*, de Stephen King.

MITHOS

Nosso diferencial é querer dar prioridade àqueles que querem seguir carreira artística. Queremos nos tornar um outdoor de futuros grandes autores. E, por isso, nossa intenção é a de que essa não seja a última vez que você irá ouvir falar dos escritores e artistas que nós publicamos. Todos eles terão prioridade quando o assunto for notícias a respeito de suas carreiras em nossas páginas, até que sejam finalmente abraçados por editoras e possam alçar seus próprios voos.

Nesta edição

Os textos desta edição extrapolam os limites do humano e do desconhecido. A fantasia transborda em *Águas turbulentas*, de Carmo Bonfim, e nos faz refletir sobre sacrifícios. Outros limites sombrios são cruzados em *A autópsia*, de João Augusto de Nardo. Os limites do medo são explorados quando o mal vaga de quarto em quarto em *O demônio de olhos vermelhos*, de Edilton Nunes. O véu que oculta o que há além das fronteiras do espaço-tempo é transposto em *Caixa-preta do tempo*, da autora Suzy Hekamiah. Em *No ar*, de Diógenes Carvalho Veras, discute-se o valor da vida e os limites da vaidade. E em *Homo omni*, de William Fontana, os limites da mente e da imaginação são confrontados com o poder da realidade. Confira esses contos incríveis a seguir!

Clique aqui e envie seu conto!

ÁGUAS TURBULENTAS

As águas do mar invadiram o navio sem que ninguém percebesse. A tempestade, cada vez mais forte, elevava as ondas e enfurecia o mar. Os ventos uivavam de dor pelas almas que seu amigo iria engolir. As pessoas naquele transatlântico, alheias à fúria da natureza, comiam, bebiam e se divertiam, como se aquele não pudesse ser o último dia de suas vidas. Mas, nem todas estavam alheias.

De braços com seu marido, Agatha via os relâmpagos através da janela iluminarem, brevemente, formas negras nas águas turbulentas. O som que aquelas criaturas faziam era abafado pelo ribombar dos trovões e pela música alta. Porém, ela conseguia ouvir nitidamente. Sua pele estava arrepiada, apesar do ambiente agradável do salão de festas do navio.

— Querido, eu vou à toalete e já volto. — Agatha deixou Alonso com alguns amigos, comemorando seu aniversário com taças de champanhe e canapés, e foi em direção ao chamado.

Passou por vários corredores acarpetados que abafaram o som de seus saltos altos. Estava prestes a passar pela porta que daria no deck quando um raio iluminou a silhueta de uma mulher na amurada. A luz repentina refletiu nas gotas de água que escorriam por seu corpo e no vestido singelo, conferindo-lhe um brilho fantasmagórico.

Agatha viu seu avanço com um misto de curiosidade e medo que tornava seus músculos duros e lhe impediam de sair do lugar. Os cabelos da moça pareciam ouro derretido escorrendo até a cintura. Estavam adornados com uma coroa de ouro enfeitada com flores marinhas e conchas. Seus olhos eram como o mar, tempestuosos e profundos. Sua pele acetinada e as linhas perfeitas do rosto fizeram Agatha pensar que nunca vira tanta beleza na vida. A mulher estendeu-lhe a mão. Então, Agatha percebeu a bolsinha que a moça lhe entregava.

Apanhando o objeto, sua mão fechou-se sobre ele com possessividade e ela sentiu o que tinha que fazer. O perfume de algas marinhas e maresia aumentou seu sentimento de urgência e ela saiu correndo de volta ao salão de festas. Ainda olhou para trás e, em meio ao clarão de relâmpago, a moça lhe lançou um olhar breve e desapareceu na escuridão da noite.

Chegando ao salão, Agatha foi direto ao seu marido e, enfiando os dedos dentro da pequena bolsa, sentiu o pó grudar-se neles, viu o brilho multicolorido e rapidamente passou-o no pescoço e pulsos de Alonso. Depois, fez o mesmo com Cassandra, a filha de sua amiga, que passava correndo em sua alegria infantil.

Notando o comportamento estranho da esposa, Alonso perguntou-lhe o que estava acontecendo. Ela não tinha tempo para responder. Lágrimas escorriam por seu rosto. Seu coração estava oprimido pelo peso das decisões que precisava tomar e pela amargura do pesar. Agatha sentiu novamente a urgência quando conseguiu ouvir nitidamente o som da tempestade acima da balbúrdia do salão. Saindo pelo navio como uma desvairada, continuou freneticamente o trabalho de passar pó brilhante em algumas pessoas que conhecia e em outras que lhe olhavam como se ela estivesse louca. Até que esbarrou em outra mulher, uma camareira, com uma bolsinha semelhante à sua.

Elas se olharam aflitas. A camareira também estava com os olhos marejados.

— Não há mais tempo — ela disse, tentando enxugar as lágrimas, deixando um rastro de poeira brilhante abaixo dos olhos. — Não consegui encontrar todos os meus amigos.

— Não tem que ser só seus amigos e,

infelizmente, nem todos eles podem ser salvos — Agatha lhe disse — mas você pode salvar também as outras pessoas... Quem você não conhece. Aqueles que merecem, que podem e devem ser salvos.

A camareira meneou a cabeça.

— É uma escolha difícil. Eu vejo a luz em volta deles, mas muitos me desprezaram e me ignoraram enquanto os servia. Eu simplesmente não consigo! — disse a camareira, choramingando.

Agatha tentou abraçar a moça para passar-lhe conforto, mas esta se desvencilhou e abriu a porta de uma cabine. Lá havia outras duas camareiras, que olhavam, atônitas.

— Rápido, deixem isso aí, peguem esse pó, passem em vocês e em seus parentes e amigos que possam estar nesse navio. — Como elas não se moviam, a camareira gritou. — Agora!

Agatha pegou no braço dela antes que saísse em disparada e disse:

— Você sabe que não funciona assim. Não se pode enganá-las. Você não sente? Elas irão perceber assim que tudo acontecer e você pode ser castigada por isso.

— Eu não me importo. Quero salvar o maior número possível dos meus. E além do mais, elas já estão me chamando.

Ao dizer isso, a camareira saiu correndo com Agatha em seu encalço, que não conseguiu contê-la antes de ela pular da amurada e ser tragada pelo mar agitado. Outro raio iluminou o céu e Agatha pôde ver a camareira sendo despedaçada e a água se tingir de vermelho. Ela olhava horrorizada para aquela cena quando emergiram uma... duas... três... inúmeras cabeças na água. Havia formas masculinas também, não só as tradicionais femininas das lendas. Agatha assustou-se com as terríveis feições, mas assim que o ar da noite lhes tocou os rostos, a beleza e o encanto transformavam-lhes a aparência, e, enfeitiçada, Agatha esqueceu o horror que vira antes.

Eles a encararam, silenciosos, e Agatha sentiu a pergunta em sua mente. Levantou a bolsinha, mostrando que ainda restava pó. Então, a moça loira que lhe entregara o presente, tomou a frente dos outros e disse, em voz atemporal:

— Vá!

Agatha correu, abrindo cabines, passando por corredores, subindo e descendo escadas, lutando contra o dever e a vontade. As lágrimas escorriam e ela as limpava com as costas da mão, a fim de não desperdiçar um grão sequer daquela poeira salvadora. Ela não se importava com o susto das pessoas nem por ser chamada de louca ou coisa pior. Passava-lhes o pó e seguia correndo até que sentiu que não havia mais nada dentro da bolsinha.

Juntou-se na amurada com as outras pessoas selecionadas para aquele serviço. Agarrou-se para não ser levada pela fúria da tempestade e todos lançaram seus saquinhos vazios no mar. Um som musical de lamentos encheu o ar e o navio balançou com mais força. Não por causa da tempestade, mas pelo que estava no mar e queria derrubá-lo.

Será que estariam no Triângulo das Bermudas? Agatha pensou. Não importava, o navio tinha perdido a rota e entrara oficialmente no território deles. Agora não tinha mais volta.

Uma onda gigantesca engoliu o transatlântico, lançando Agatha e aqueles que estavam no deck ao mar. Antes de ser engolida pelas águas turbulentas, a moça que tanto lutara para salvar a tripulação, lembrou que se esquecera de passar o pó em si mesma.

Abaixo da superfície, ela viu a água encher-se de cores. Entre eles, silhuetas sinuosas se alimentavam vorazmente daqueles que caíam ao mar sem a proteção do pó brilhante.

Uma das formas nadou rápido em sua direção e parou à sua frente. Dentro da água, eles mantinham a forma animalesca, com instintos predatórios. Fora da água, eles preferiam a beleza e o encanto para seduzir suas presas. Agatha reconheceu a sereia à sua frente como a moça loira que lhe deu a bolsinha de pó. Ela pegou-lhe a mão e a puxou para longe do navio afundando. Para o fundo do mar. Já vermelho e cheio de todo tipo de predador marinho, não só sereias e tritões.

A velocidade em que desciam amedrontou Agatha e ela sentiu que a pressão do mar só não era maior devido ao poder da sereia a seu lado. A moça arriscou olhar para os lados e viu várias outras

pessoas também serem levadas por outras sereias e tritões. Quando olhou novamente para baixo, Agatha tomou um susto. Dentro de uma redoma, havia casas com telhados de corais coloridos, prédios translúcidos que refletiam a fraca luz do sol que bravamente atravessava o oceano, plantas aquáticas — que lembravam longas árvores — ondulavam quando peixes multicoloridos passeavam entre elas. Um castelo dourado destacava-se imponente no centro. A exuberante cidade estava assentada no leito do mar, em meio a uma vibrante vida marinha.

Atravessaram a barreira da redoma e a sereia a seu lado, linda outra vez, colocou-a em uma espécie de praia. Ela pediu que esperasse ali com os outros e voltou ao mar em busca do resto dos escolhidos, sobreviventes do naufrágio do transatlântico. Agatha começou a andar pelos sobreviventes daquela aterradora experiência até que encontrou Alonso. Ele a abraçou aliviado.

— Que bom que você está aqui! O que foi isso que aconteceu? — ele ainda estava em choque. — Uma hora, estávamos na festa do meu aniversário, na outra, na agonia do navio naufragando, com seres mitológicos resgatando pessoas, outras virando comida de tubarões. E eu só pensava que tinha te perdido.

— O povo do mar só salvou as pessoas por ele escolhidas. Eles nos deram um pó brilhante, que passamos naqueles que nos indicaram.

Alonso olhou Agatha estupefato por um longo momento, assimilando o que ela dissera e seus desdobramentos.

— Tia Rute... — Alonso soltou Agatha, incrédulo. — Ela estava ao meu lado quando você passou o pó em mim. Eu pensei se tratar de uma brincadeira. Mas você não passou o pó em minha tia. Ela é idosa, uma senhorinha boa, digna e está sendo comida por monstros do mar!

Agatha sabia o quanto Alonso amava aquela que o criara com tanto amor quando seus pais faleceram.

— Eu não podia — ela disse, suplicante. — Eu queria, mas não podia. Não tive escolha!

Ele lançou um olhar horrorizado.

Agatha tentou pegar a mão de Alonso enquanto ele se esquivava de seu toque.

— Ela não tinha a marca — disse Agatha.

— Que marca?! — Alonso apertou os braços de Agatha sacudindo-a. — Que marca?!

— Um tipo de aura. Uma luz azul-esverdeada em volta da pessoa. É assim que sabíamos quais pessoas eram boas e dignas o bastante para serem salvas pelo povo do mar e viverem aqui entre eles.

Alonso soltou Agatha como se tivesse repulsa dela.

— Eu já disse, eu não tive escolha. Apenas passei o pó naqueles em que vi a marca. E a aura de sua tia estava... — Agatha baixou o olhar. — Diferente... Manchada... Escura... Estranha.

Alonso olhou chocado para a esposa.

— Mas por que não passou nela mesmo assim? Você sabe o quanto ela é importante para mim. O quanto vocês duas são!

— Eu não podia! — gritou Agatha aos prantos. — Eles teriam me matado.

— E ela não vai morrer? — Alonso saiu transtornado, deixando Agatha sozinha.

A culpa que lhe corroeu o coração durante toda a noite em que passara o pó naqueles conhecidos e desconhecidos, assomava-se agora ainda mais, pois não pudera salvar aquela que era como uma mãe para seu marido.

Chorando, ela foi até a redoma e tocou-a. A sereia loira veio imediatamente conversar com ela e consolá-la.

Quando o mar já estava calmo e os habitantes mostravam a cidade e as acomodações aos sobreviventes escolhidos do naufrágio, Alonso — agora mais sereno —, procurava por Agatha, e encontrou sua tia Rute acompanhada da bela sereia loira que o salvara. Atônito, ele abraçou aquela a quem tanto amava e perguntou-lhe:

— Mas como? Como a senhora está aqui?

Ela lhe sorriu, tocando o rosto querido do sobrinho.

— Agradeça a esta bela moça — disse Rute, apontando para a sereia. — E a sua amável esposa.

— Venha — disse a sereia rainha para um Alonso estático na praia de areia branca com

minúsculos cristais azuis. — Aproveite o pouquíssimo tempo de sua tia.

Alonso olhou assustado para a sereia.

— Nossa medicina é avançada, mas a doença de sua tia está em estágio terminal. Ela só tem, no máximo, um dia de vida. Não podemos fazer nada, por isso ela não tinha sido escolhida. Contudo, ela não teria uma morte cruel. Não somos tão ruins assim. E também não gostamos de carne doente.

Alonso olhou estupefato para a tia que saíra toda sorridente acompanhando um grupo liderado por um tritão usando uma tiara de flores marinhas e conchas, idêntica à de sua anfitriã. Depois, procurou Agatha entre os sobreviventes ainda na praia, até seus olhos encontrarem os insondáveis olhos da sereia rainha. Seu peito se afligiu com o que viu lá.

— Cadê a Agatha?

— Ela trocou de lugar com sua tia, depois que viu seu sofrimento — disse a sereia.

Alonso caiu a seus pés, abraçando seus joelhos e chorando pela perda da mulher.

— Não se preocupe —disse a sereia, passando a mão por sua cabeça em um gesto de compreensão e conforto. — A bondade e o amor de sua esposa salvaram-na de um destino mais cruel. Porém, ela será como nós e terá que expiar os erros de vida de sua tia lá fora, no mar — disse a sereia apontando para as imperscrutáveis águas profundas do oceano. — Não poderá entrar aqui durante um tempo.

Alonso perguntou, mais aliviado:

— Quanto tempo?

— Sete anos... Se ela sobreviver.

Assustado, Alonso olhou para fora da redoma, para o lugar onde lhe era indicado. Ali estava uma sereia de aspecto animalesco. Ela acenava tristemente, mas com um olhar amoroso. Quando ele ia responder o aceno, viu sua amada esposa virar-se assustada e sair em disparada em direção à escuridão do mar.

Com o coração apertado, Alonso ainda teve o vislumbre da brilhante cauda furta-cor de Agatha, antes de ela desaparecer na imensidão marinha, sendo perseguida por um tubarão branco de aparência terrivelmente feroz.

Carmo Bonfim

Maria do Carmo A. Bonfim é natural de Santo André-SP e mora em Senhor do Bonfim-BA. É servidora pública e, nas horas vagas, ama ler e escrever, sendo seu ramo favorito a Fantasia. Participou das Antologias *Entre Frestas e Janelas* e *Uivos na Escuridão*. É coautora do livro infantojuvenil *A odisseia intergaláctica de Théo*, disponível na Amazon.

carminhajagua@hotmail.com

A AUTÓPSIA

Macabro. Esta é a primeira palavra que se passa na cabeça de uma pessoa quando comento sobre o meu trabalho no necrotério. Bom, eu sei que não é algo limpo e agradável como as pessoas desejam que um bom trabalho seja, porém, eu ganho meu sustento dessa forma.

Meu filho sempre sofreu um pouco na escola, quando seus amiguinhos lhe perguntavam a profissão do pai. Os meninos tinham pais engenheiros, médicos, advogados... O que o dele fazia, ajudava pessoas? Fazia algo útil para elas? Dissecava corpos para analisar a causa da morte. Depois de se chatear muito por isso, com o passar do tempo, ele foi se acostumando e levando na boa. Conforme ele crescia, se interessou pelo mórbido, assim como eu sempre fui interessado pelos filmes de terror, pelo macabro e o que as pessoas normalmente não gostam de abordar.

Dia dos pais era uma alegria para o pequeno George; como na tradição da cidade, os filhos acompanhavam os pais na rotina do trabalho daquele dia. Anteriormente, era algo que meu filho odiava, mas os anos fizeram ele se interessar, e, nos últimos dois anos, ele pediu para me auxiliar. Recusei por achar que ele não estaria pronto.

Mas agora que ele já está com 18 anos, já é um homem, e pode ajudar seu pai até mesmo no trabalho sujo do dia a dia.

Ao acordar na manhã daquele dia dos pais, ganhei uma carteira, não uma de couro comum, mas uma de papel e com um desenho surrealista. George adorava essas coisas e eu sorri para lhe agradecer, mesmo não gostando tanto. Preferia uma coisa que combinaria com meu ambiente de trabalho, aliás, passava quase que o dia todo lá, uma carteira colorida e viva não combina com um lugar de morte.

George estava animado, seria a primeira vez praticando a profissão que queria herdar do pai, isso o deixava empolgado. Após sair do seu trabalho em um novo mercadinho do bairro, ele apareceu no necrotério pronto para ter sua primeira experiência cuidando de um cadáver.

O local não era muito grande, mas havia várias salas. O garoto conhecia como a palma de sua mão cada uma delas e seus segredos, acompanhou várias lendas em noites de terror comigo — eu adorava amedrontar o garoto que, aos poucos, se acostumou com o ambiente medonho. Quando criança, seu maior medo era um dos cadáveres voltar à vida. Quando viu um dos corpos levantar o braço pela primeira vez, foi um choque imenso, mas nada que um pouco de formol não tenha ajudado.

O prédio cinza não era nada convidativo, para falar a verdade, amedrontava todos que passavam pela frente. Um lugar onde ficam os mortos não é lá muito querido pelo pessoal.

O cheiro forte que percorria os corredores era o odor da morte; ainda assim, eu sempre estava disposto para tomar um forte café, aliás, eu deveria estar de pé durante toda a madrugada, coisa que os meus colegas de trabalho não poderiam fazer.

Após conduzi-lo pelo prédio, eu o levo para um pequeno vestiário, lá pode trocar suas roupas para o trabalho. Ele parece nervoso,

como se fosse sua primeira vez. Seu braço tremia enquanto colocava as grandes luvas em suas mãos. Tento o acalmar, digo que ele se dará bem e que não será nada difícil.

Para entrar no ramo, é necessário ter muita precisão e paciência, e, é claro, muita coragem para não enlouquecer entre tantos corpos e mortes violentas. Aqui é o lugar perfeito para vermos como nossa vida não vale nada e que em breve todas as nossas carcaças serão jogadas à terra para serem devoradas por vermes, tão insignificantes quanto nós. E a nossa alma? Irá viver em outro corpo, ter novos sofrimentos, novos conhecimentos, para, enfim, trocar de pele novamente; um grande círculo vicioso — isso se a alma realmente existir. Se nem Platão, Aristóteles e São Tomás de Aquino entraram em consenso, quem seria eu para confirmar algo?

O primeiro corpo da noite chega ao necrotério; uma indigente. Por isso, o procedimento todo deveria ser filmado. Sua morte não havia sido violenta como as últimas que tinha recebido, isso me tranquilizou, pois meu filho não teria de ver uma coisa tão gráfica. A garota teve uma overdose de heroína, nada comum na região, porém, quem quer fugir desse mundo sempre dá um jeito. Seu nariz tem sangue seco e sua língua está muito inchada.

O cadáver é colocado na maca, como de costume, deixo uma música tranquila de ambiente para poder começar o procedimento com cuidado. O local é refrigerado e meu corpo até se acostumou com dado frio. Não vou mentir que meu sonho fosse cuidar da vida das pessoas, ser um médico cirurgião, quem sabe, poder salvar vidas. Porém, quis o destino que eu cuidasse das pessoas após sua morte. Creio que é um trabalho fundamental, principalmente para aquelas mortes suspeitas; às vezes, posso fazer justiça e esclarecer dúvidas. A madrugada sempre é calma, e me acostumei com a solidão ao lado de corpos que nunca respondem quando converso sozinho.

O primeiro passo a ser realizado é a autópsia externa, George observa se existem hematomas ou qualquer vestígio estranho, além de checar todos os orifícios. Tudo normal até chegar na genitália, ele parecia desconfortável e eu entendo o garoto, fazer isso na frente de seu pai, e é capaz de nunca ter visto uma tão de perto em sua vida.

Após analisar o corpo e suas marcas, podemos avançar para a autópsia interna. Guio sua mão enquanto ele corta aquele corpo sem vida em um formato de Y, um corte cirúrgico.

O clima permanecia congelante e George estava empolgado; tudo seguia normal, até que me assusto com o braço que se levanta do corpo. Isso deve ter assustado ainda mais o garoto. Mesmo após anos de experiência, ainda é assustador. Aplico formol e tudo volta ao normal — foi apenas um espasmo. Lembro ainda da minha reação ao ver pela primeira vez um cadáver com espasmo. Confesso que entrei em pânico e tentei sair do prédio correndo, até que um legista mais experiente me explicou que se tratava de uma rigidez muscular pós-morte, mais conhecida como rigor mortis. Essa rigidez é causada pela falta de uma substância química que nos ajuda a obter energia, como a pessoa está morta, essa substância fica escassa e os músculos iniciam o processo de rigidez, principalmente nas articulações. Porém, imagine você, sem saber quase nada sobre ciência, dando de cara com um morto levantando o braço? George me surpreendeu ao não esboçar medo, nem um pouco de susto. Acho que ele chegou a ver algumas filmagens antes e se acostumou com as coisas que poderiam acontecer.

O jovem segue com a autópsia como

se fosse uma pessoa experiente; deveria estar esperando há anos por essa oportunidade. Ele reclama que sente um cheiro podre, muito além da decomposição normal dos corpos. Eu realmente sinto isso, como se tivesse algo entre nós, um cheiro de enxofre preenche o ar.

Decido sair da sala, o ar não refrigera tanto pelos corredores, porém, o frio ainda está em meu corpo, como se eu fosse um cadáver.

Confiro cada cômodo calmamente para ver se tem algum gás vazando, ou um problema do tipo. Com o tempo, examinando cadáveres, me acostumei com o cheiro ruim, mas esse é, de longe, o mais forte que já senti, como uma mistura horrenda de odores que fariam uma pessoa normal desmaiar.

Quando termino de verificar todo o corredor e estou a caminho de volta para comentar com meu filho que está tudo normal, ouço um barulho, como se fossem batidas em metal. Olho pra trás e sinto o ruído cada vez mais forte. Caminho até a origem desse barulho: a última porta do corredor, que diante da situação parecia muito maior do que realmente é.

O clima congelante está presente, como se fosse um prelúdio para uma desgraça, minha cabeça cogita mil possibilidades e, sob passos curtos, eu questiono as coisas mais simples que podem ser: não poderia ser um morto-vivo, deve ser uma futilidade que vai me assustar.

Abro a porta calmamente, com receio do que está por vir, acendo a luz e não há nada além das grandes gavetas refrigeradas e cheias de corpos. Paro na frente da porta aberta, vendo se tem algo de errado, pois o barulho parou; em poucos segundos, respirei aliviado. Esta noite, que deveria ser divertida para passar com meu filho, parecia ter imprevistos. Quando eu estava prestes a fechar a porta, o barulho volta, e eu pude observar um dos refrigeradores; a impressão era de que alguém estava batendo, tentando abrir. Ando com pensamentos pesarosos até lá, pego uma chave perdida no meu bolso e a abro. Para a minha grata surpresa eram ratos, ratos andando por entre um corpo. A cena era terrível, mas muito melhor que eu encontrar um morto-vivo. Fecho rapidamente antes que eles saiam e achem novos destinos, me certifico de anotar o ocorrido para notificar os responsáveis pela limpeza.

Volto, como se nada tivesse acontecido, para não assustar meu filho e encerrar logo o trabalho da noite. Até que em minha frente vejo uma sombra, um vulto passando rapidamente. Passo a mão nos olhos, volto a destinar minha visão para frente, porém, agora já não existe mais nada.

Penso que tudo não passa da minha imaginação, talvez um pouco de sono e cansaço misturados. Decido ir até a cozinha, lá eu posso pegar um copo de café e assim continuar o trabalho sem maiores imprevistos. Passo um café amargo, para acordar e esquecer de toda essa bobeira, esfriar a mente e relaxar um pouco.

Eu sinto que há algo de errado, e ainda será revelado. Trabalhei ouvindo muitas lendas a respeito de necrotérios, rituais e almas que permaneciam para assombrar aqueles que trabalhassem com seus corpos. É realmente um trabalho mórbido, no entanto, não tenho escolha, um quarentão não pode trocar tão fácil de profissão. Já passei por inúmeros imprevistos e pesadelos desde que entrei, mas nada havia me assustado tanto quanto hoje, me sinto perseguido, como se minha própria sombra fosse me atacar.

Ao retornar para o corredor, vejo novamente aquela sombra, ela está mais real agora, como se fosse uma pessoa, uma pessoa

de aura negra. Ela age como se estivesse prestes a entrar na sala de necropsia, então eu corro em sua direção e abro a porta. Não há nada além de meu filho.

George está terminando a autópsia, com o coração da falecida na balança, conferindo o peso e anotando informações.

— Demorou hein? — ele disse, em tom brincalhão.

— Tive que pegar mais uma dose de café para encerrar a noite, sabe como é, né — tento disfarçar o que acabei de ver.

Vou conferir o que ele já havia feito: estava escrevendo tudo de maneira correta. Estou orgulhoso e já vejo um futuro nele por aqui. O sangue já havia sido colhido e estava tudo pronto para encerrar o trabalho.

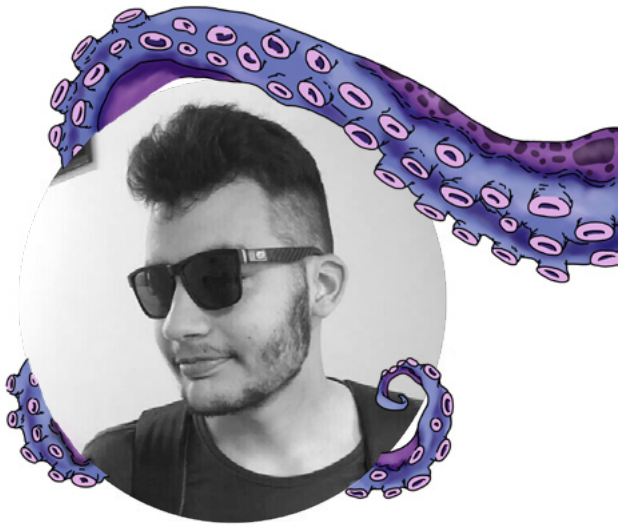
Terminou de costurar o peito com um pequeno auxílio meu, e tive de parabenizá-lo.

— Parabéns, meu filho — abraço George carinhosamente. — Você terá um futuro ótimo por aqui, já sabe muito. Agora está na hora de encerrarmos.

Começo a retirar meu jaleco e guardo alguns dos utensílios que haviam sido usados para a lavagem; quando viro, me deparo com George com suas calças arriadas, abaixando a cueca.

— Que diabos está fazendo?

— Como assim, pai? Eu vi as fitas de autópsia no baú do seu quarto. Sempre quis fazer igual.



João Augusto de Nardo

João é um jovem que tenta refletir a melancolia, o estranho e o cotidiano banal na escrita com linhas pífias. João também é uma quimera.

O DEMÔNIO DE OLHOS VERMELHOS

Leitos de hospitais geralmente são lugares tristes durante o dia. À noite, essa tristeza se intensifica, solidificando-se nas paredes recobertas de limo, no teto mal iluminado pelas lâmpadas fluorescentes, na camada de tinta que escapa das paredes. Fiz essa pequena constatação pessoal quando passei três dias e três noites inteiras, devidamente hospitalizado, graças a um cálculo renal de aproximadamente dois milímetros, semelhante a um grão de arroz, alojado em meus rins. Dizem que a dor do parto é uma das maiores dores que o ser humano pode sentir. Besteira! Passei dois anos nutrindo esse "filho bastardo" em meu "ventre" e, no fim, me vi obrigado a expulsá-lo, já em fase adulta. Cinco milímetros em forma de uma pequena pedra pontuda, formada basicamente de oxalato de cálcio e ácido úrico.

O fato é que, durante aqueles três dias em que passei acordado, me revirando interminavelmente sobre lençóis novos e recém estirados, recebi dois visitantes. Um deles, é claro, era minha mãe. Chegava às 10 e saia pontualmente ao meio dia, quando terminava o horário matinal de visitas. Trazia meu almoço e, enquanto me alimentava, ela checava com cuidado os curativos feitos pela mão de uma enfermeira descuidada em meu punho esquerdo. Minha mãe era uma boa pessoa e agradeço a Deus por ela. Mas o fato é que sempre tive medo do tempo e do que ele poderia fazer comigo. Mais ainda, do que ele poderia fazer com ela.

Fui testemunha ocular de quanto o tempo pode ser cruel logo no primeiro dia de internação no hospital Santa Maria, naquele inverno de 1967. O homem era um senhor já de idade. Tinha no rosto um aspecto cansado, com profundas olheiras marrons. Sua pele era flácida e repuxada drasticamente para baixo, formando uma papada enorme e disforme sob o queixo. As costas eram arqueadas e o andar lento, vagaroso. Estava acompanhado por uma garota extremamente bonita, que o ajudava a carregar o suporte metálico do soro. Seus olhos eram tão verdes e brilhantes quanto duas bolinhas de gude.

— Por aqui, senhor — disse, educadamente, a outra mulher que entrou no quarto logo em seguida, tomando a frente e indicando uma das camas ao meu lado. Usava um grande jaleco branco, que descia pelos contornos magros de seu corpo, quase até os joelhos. Seu rosto parecia tão cansado quanto o do senhor de idade, mas ela conseguia (ou pensava que conseguia) esconder isso muito bem com o blush e o pó compacto, espalhados pelo rosto como massa corrida em uma parede esburacada.

— Tem certeza de que vai ficar bem, vovô? — perguntou a garota dos olhos de bolas de gude.

O velho balbuciou algo inaudível e se deitou, cruzando as pernas e os braços, encolhendo o corpo de lado, em posição fetal. A mulher de jaleco o ajudou a tirar os sapatos e as meias, largando-os ao pé da cama após notar, com crescente interesse, a camada marrom de sujeira, semelhante à marca deixada em suas roupas íntimas após uma incursão mal sucedida ao mundo da higiene pessoal.

— O horário de visitas é das 10 ao meio dia — nesse ponto, a voz da enfermeira oscilou, e por Deus... Que todos os santos me perdoem, mas eu juro que senti uma pontada de prazer despontar de seus lábios.

A garota corou e procurou, provavelmente nos recantos mais profundos de sua mente, se lembrar de como deveria ser um sorriso sincero. Tentou reproduzi-lo com o máximo possível de

fidelidade, mas o que conseguiu foi apenas um ligeiro entreabrir de lábios.

Alguns minutos depois, a enfermeira saiu, deixando o senhor de idade aos cuidados da garota dos olhos de bolas de gude.

— O que ele tem? — perguntou minha mãe, rompendo o silêncio monótono do quarto.

— Alzheimer... — disse ela. O tom parecia inarticulado, sussurrando as palavras, espalhando-as pelo quarto com o temor carregado na voz. Uma furtiva lágrima passeou por suas bochechas.

Com o passar do tempo, as visitas de ambas tornaram-se menos frequentes. O hospital tornou-se mais vazio. Cerca de uma semana depois, o avô da garota dos olhos de bolas de gude e eu recebemos o segundo visitante do qual falei no início deste relato. Não citei nomes, pois não me atrevi a nomeá-lo, tamanho fora o terror que se alojara em minha mente. Mas, se for necessário fazê-lo, prefiro chamá-lo de *demônio de olhos vermelhos*, pois eu sabia, mesmo inconscientemente, que a criatura era tudo, menos humana.

A lua cheia despontava no céu, grande e redonda, ofuscando parcialmente o brilho das estrelas. As persianas, como sempre, estavam abertas, e pequenas tiras de luminosidade se atreviam a invadir a penumbra do quarto. Assim como nas outras noites, eu não conseguira pegar no sono.

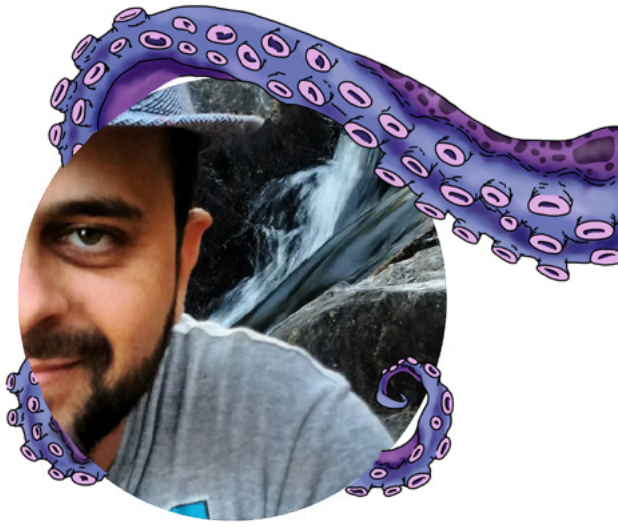
Já passava das duas da madrugada quando a porta do quarto foi aberta. Um frio cortante inundou o quarto de repente, antes que eu me desse conta de que o vulto parado em frente à porta não era o da enfermeira. Seus contornos eram másculos e bem definidos.

O homem de jaleco moveu-se, sentando com cuidado no mesmo banco de madeira que a garota dos olhos de bolas de gude sentara apenas alguns dias atrás, deixando que um pequeno feixe de luminosidade, que atravessou a persiana, iluminasse parcialmente seu rosto. Fora apenas por uma fração de segundo, mas eu vi. Meu sangue gelou por completo. Os olhos do homem de jaleco eram vermelhos, como brasas retiradas das profundezas do inferno. Fitavam o velho com alucinado interesse, enquanto pareciam queimar viva e dolorosamente sobre seu rosto.

Pensei em levantar e fugir. Correr. Me esconder em qualquer lugar onde o demônio de olhos vermelhos jamais poderia me encontrar, mas o medo me paralisou. O senhor do destino, que no final sempre comanda nossas ações, me fez permanecer ali, de olhos arregalados, fitando aqueles contornos demoníacos, enquanto sua cabeça se inclinava ameaçadoramente na direção do velho. Suas mãos, de dedos finos e longos, tinham unhas afiadas como garras. A pele dos dedos era flácida, enrugada e cinza, semelhante à pele em decomposição de um cadáver. Agarrou o punho do velho com seus dedos mortos e removeu com cuidado a agulha. Levou-a até a boca, envolvendo o pequeno orifício provocado pela agulha com seus lábios ressecados e cinzas. O que se seguiu posteriormente foi um verdadeiro teatro de horrores. Eu podia ver o sangue fluindo nas veias do velho, indo de encontro aos lábios mortos do demônio de olhos vermelhos. Uma pequena poça de sangue se formou ao pé da cama, e quando pensei que ele havia terminado, algo mais aconteceu. O demônio abaixou-se, inclinando seu corpo em um movimento humanamente impossível, sem dobrar os joelhos, até o chão. Uma enorme corcunda apareceu em suas costas e o jaleco que usava tornou-se pequeno, revelando uma massa de ossos magros e desproporcionais grudados à pele morta. Uma coisa grotesca e disforme, que jamais ousarei chamar de língua, saiu do interior de sua boca, contornando o ar em movimentos delicados e ao mesmo tempo horríveis, como uma cobra manipulada por um encantador de serpentes, e lambeu o chão. Seus olhos brilharam novamente, com o fogo oriundo das profundezas do inferno, e, por um momento, apenas me encararam, como se dissessem: "Você é o próximo".

Mas eu não fui o próximo. Ao menos não naquela noite. O demônio de olhos vermelhos se levantou, satisfeito, virou as costas e saiu, largando o velho morto atrás de si.

Muitos anos se passaram desde o acontecido. Na época, eu tinha apenas 18 anos e toda uma vida pela frente. Uma vida que ficaria marcada para sempre pela presença do demônio de olhos vermelhos, durante uma noite escura, em um leito frio e solitário de hospital. Hoje, tenho 92 anos e me encontro deitado no mesmo leito. Esqueci-me do gosto da comida que minha mãe preparava, do rosto da garota, mas do demônio de olhos vermelhos eu jamais me esqueci. É o mesmo que se encontra parado agora, na porta do quarto, me observando com curiosa atenção.



Edilton Nunes

Graduado em Letras pela UEG, Especialista em Arte e Educação pela UFG, professor de literatura e pseudoescritor nas horas vagas. Criador e administrador do site www.stephenking.com.br

CAIXA-PRETA DO TEMPO

Sob a chuva, o simpático homem de óculos protege a cabeça com uma pasta até entrar no carro. A pressa toma conta de seus passos e das curvas até o Centro de Astronomia e Astrofísica da universidade local.

***

Base aérea de Canoas — RS

O capitão Alex G. se prepara para mais um dia de treinamento, a bordo de um F-5. No bolso, a pequena foto de uma mulher. Atrás da foto, os dizeres: *Diante do azul do céu, viajo no azul de seus olhos.*

Pássaros sobrevoam a linha de asfalto de 3 mil metros de comprimento.

Apenas pelo OK da torre o capitão pode decolar. Dentro dela, o sargento dá as ordens em inglês, e as manetes dos dois motores do caça são acionadas, seguidas pela alavanca de potência; o pós-combustor faz rugir o avião antes de decolar. Então, voando a 12 mil metros de altura, os inimigos piscam no radar; carregado de mísseis virtuais, ele posiciona o dedo sobre o botão vermelho do manche. Alex está pronto para atirar na dupla inimiga. Mesmo sendo um treinamento, uma batalha é sempre uma batalha.

— Está morto! — diz o capitão rindo, alinhando o alvo: um Águia 2. A velocidade dos aviões e a direção contrária de ambos torna a situação perfeita para atirar.

O caça da equipe inimiga está no alvo. Alex está pronto para disparar, quando o som rasgado dos caças é ofuscado por uma explosão ensurdecedora. Os comandos param de funcionar. O tempo torna-se incontável na mente congelada do piloto que, sem entender nada, vê seu inimigo destruído no céu em uma chuva de metal pegando fogo. O céu é encoberto por uma espessa fumaça antes que as últimas peças caiam no solo.

Os radares não detectam nada. Estado crítico entre as nuvens. As luzes piscando no painel mostram que algo está errado. Alex começa a sentir os efeitos da pressão. O terceiro piloto tenta fazer contato com a torre, mas não conseguiu; o rádio para de funcionar misteriosamente. Na torre, o clima é evidente.

— Senhor, perdemos contato com todos — diz, apreensivo, o controlador de torre.

O sargento, que não tira os olhos do horizonte, diminuindo a distância com seu binóculo.

— Continue tentando.

Os homens no céu perpetuam uma nova batalha com o enigma sobre quem foi o responsável pela queda do Águia 2. Em combates de treinamento, não carregam armas reais. O alerta é geral, ambos estão pairando no ar. Sem respostas no céu, sem respostas no solo. As nuvens estão cinzas ao longe, deixando à mostra um ponto escuro à direita deles, que vai tomando forma rapidamente. Então, apenas uma onda de choque é vista próxima aos ases, e o ponto quebra a barreira do som. Os controles voltam a funcionar, e Alex entra em contato com Águia 3.

— Aqui é Águia 1. Águia 3, você viu aquilo?

— Aqui é Águia 3. Positivo. Manter o alerta.

Os dois caças manobram em direção contrária. Poucos instantes depois, flashes em linhas cortam o céu em sua direção.

— Estão atirando — diz Alex, fazendo outra manobra forçada e desviando dos tiros.

— Aquela coisa que passou por nós é que está atirando — responde Val, no Águia 3.

— Essa coisa não quer nos ver no ar.

A coisa toma forma à medida que mergulha contra o vento e, na aproximação, revela uma arquitetura milenar, repleta de luzes. Lasers saindo

da suposta nave em direção aos pilotos.

— Estamos sem armamentos!

— Desvie! Desvie, Águia 3!

Curvas cortam o céu, desenhando linhas invisíveis. O radar não detecta a nave, os caças não vão aguentar muito tempo, o combustível é escasso. Os pilotos realizam manobras conjuntas confundindo o adversário.

Um sinal da torre é recebido.

— Câmbio, aqui é a torre de comando, câmbio. Responda, Águia, câmbio.

— Câmbio, Águia 3 respondendo, câmbio.

— Câmbio. Retorne imediatamente para a base. Câmbio.

— Estamos tentando. Águia 2 foi abatido. Precisamos de reforços.

Dentro da torre, o pessoal ouve o pedido do piloto sem entender a situação. O sargento puxa o rádio para si:

— Águia 3, informe o problema!

— Estamos sendo perseguidos. Imobilizados no céu. Um objeto voador não identificado está atirando contra nós.

O controlador verifica o radar e confirma a perda de Águia 2. Também confirma que não há outra aeronave no radar.

— Ok...

Antes que o sargento continue, um silêncio é percebido no ar.

— Senhor, perdemos Águia 3.

— Mas que brincadeira é essa?! — pergunta o injuriado o sargento.

No céu, a situação está cada vez mais complicada para Alex, que chega ao limite, mas não desiste de lutar, esperando que algo se resolva. Os tiros do OVNI cessam e ele desaparece no céu em uma fração de segundos. Tão logo o piloto pensa que o maldito foi embora, ele retorna, como uma miragem entre as nuvens. Suas cores vão ficando mais fortes e ganha velocidade ao lado do avião de Alex. Outra imensa nuvem paira no ar, o OVNI atinge uma velocidade enorme, como se fosse e voltasse entre as dimensões.

Dessa vez, sem muita sorte, o avião dá sinais de pane por completo. Alex puxa a alavanca no banco e ejeta, caindo em um mato.

— Senhor, acabamos de perder Águia 1 — avisa o controlador.

— Mande a equipe de buscas.

Uma indignação silenciosa se apossa da torre de comando. A perda dos pilotos para algo desconhecido é inadmissível.

Equipes de resgate tentam achar o piloto que ejetou. Ainda não há sinais dos restos do avião, mas o GPS do piloto está conectado, o que confirma um possível sinal de vida.

Dias depois, os restos do avião são encontrados, mas Alex é dado como morto pelas autoridades.

***

Em um distante lugar, crianças andam sem direção. Uma delas observa um pequeno brilho no meio dos arbustos, um objeto metálico. O objeto quadrado possui uns desenhos estranhos em linhas verticais, como se fosse uma frase. Uma criança pega-o e, enquanto limpa a terra do objeto com os dedos, olha a sua volta e descobre a pequena entrada para uma caverna.

Sem pensar duas vezes, entra e segue o brilho prateado que recobre o local. Pequeninas luzes intensificam-se, à medida que a caverna aumenta. E, bem no fundo, encontra uma sala enorme, com caracteres por todos os lados. A criança fica estonteada com a descoberta; pequenos ruídos atraem-na, e no fundo está Alex, deitado no chão. As roupas e os pertences chamam a atenção da criança. Atordoado, o piloto observa o pequeno índio tentar entender o iPod que acabou de pegar.

— Ei, você! Pode chamar ajuda para mim?

O índio não entende a língua que o homem fala. Acha estranha suas roupas, seu jeito. Corre, com medo.

Alex deixa a caverna e observa brevemente o mundo, um tanto quanto comum em alguma parte, mas diferente ao mesmo tempo. Então, dois seres diferentes, altos, fortes, de pele marrom e opaca, com olhos pequenos, segurando armas indescritíveis, chegam, imobilizando-o. Certamente não eram humanos. O piloto é levado para uma

sala e coberto de eletrodos. Um cheiro extremamente forte e novo alcança o olfato de Alex. Uma solução com o mesmo cheiro é injetada em suas veias. Ele cai, sentindo seu coração acelerar e ir parando, parando...

***

O homem chega, batendo portas, até a reunião do conselho de cientistas da região.

— Eu avisei! — espalha dezenas de papéis sobre a mesa. — Esse dia ia chegar. Era uma questão de tempo até que enxergassem um domínio além do planeta Terra.

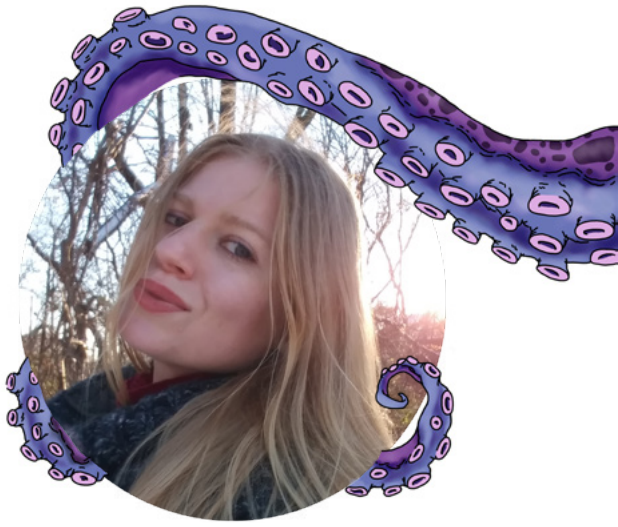
— Mantenha a calma. Ainda estamos estudando os fatos.

— Fatos?! Caças já foram abatidos por algo que ninguém ousa falar sobre. OVNIs, meus caros. OVNIs! Há anos eu tento provar através de artefatos e dizeres antigos que eles estão entre nós. Interagindo na nossa espécie.

— É uma situação bastante delicada a que estamos vivendo, Sr. Carlos. Devemos tomar bastante cuidado com a múmia, não queremos que as pessoas tenham um choque cultural de proporções tão grandes. Tal verdade deve ser analisada para que não se pense que sua grandiosidade não passa de uma mentira, não é mesmo?! — argumenta o presidente do Conselho.

— De fato! Concordo. Mas essa múmia encontrada no Peru revolucionará a história. É uma prova concreta de que o homem já viajou no tempo com a ajuda de outros seres. Vocês todos viram os desenhos que estavam nas ruínas da caverna: seres altos, fortes, imobilizando pessoas; desenhos de séculos atrás retratando combates aéreos!

No laboratório, a múmia do homem descansa em uma câmara fria. As amostras de sangue comprovaram que era de origem latina, porém branca, muito diferente dos índios que moravam naquela época no Peru. O fardamento militar é um enigma, um nome bordado no bolso mostra apenas duas letras: AL. Todos os pertences enterrados junto ao corpo da múmia pertencem ao século XXI, incluindo a foto de uma mulher. Tudo catalogado e preservado para a história em uma tumba de mais de 500 anos.



Suzy Hekamiah

Suzy Hekamiah é escritora, roteirista e desenvolvedora de games e realidade virtual. Começou a escrever profissionalmente aos 18 anos, quando assinou com a editora Literata a publicação de dois contos de Literatura Fantástica. Desde 2009, já participou em mais de 30 livros como contista, dois livros solos publicados e uma HQ, publicada no México. Foi uma das organizadoras da Semana do Livro Nacional de Caxias do Sul em 2013-2014. Em 2018, ganhou o Troféu Literatura Fantástica. Em 2019, ganhou o Troféu Monteiro Lobato por participações em antologias. Já participou de painéis e eventos de Literatura pelo Brasil. Seu primeiro livro, *Código dos mares - Os contos do tempo*, foi trabalhado nas escolas do RS e está com nova edição programada para 2020, juntamente com seu novo livro, *Démodée*, um thriller no mundo da moda.

HOMO OMNI

Acreditava que meus vívidos surtos de delírios dissociativos da realidade fossem apenas um caso crônico de psicose. Sem saber bem o motivo de minha amnésia e de ter ido parar neste lugar, os efeitos dos surtos foram aumentando gradualmente, até chegar a um nível de delírio que tornaram necessárias estas medidas.

Comecei a escrever este relato em um momento de lucidez, que logo fora sucedido por uma sequência de imagens que pareciam afetar o meu campo perceptivo da visão e culminou em mulheres que outrora amava virem ter comigo. Era como se as alucinações fossem orientadas por desejos, vontades, ou mesmo sentimentos ao ser tomado por um turbilhão de sensações decorrentes da intensidade que rivalizava até com o mais impactante sonho. A doutora, então, adentrou o lugar e dirigiu-se até mim ao notar minha condição.

— Chamem a enfermeira para me ajudar, ele está tendo mais um surto de projeção de pensamentos! — Vociferou ela, enquanto segurava-me até ser amarrado no leito. — Fique tranquilo, estamos aqui para ajudar, estamos desenvolvendo a droga para diminuir a intensidade dos surtos, ao menos.

As imagens que me sobrevinham agora eram aterradoras, monstros e outras criaturas de meus mais profundos e íntimos sonhos, de modo que, gradualmente, o mundo real a volta parecia ser afetado com reações dos médicos presentes.

— Precisamos que você se foque em algo agradável! Pense em algo bom, nas mulheres que você amava! — vociferou novamente a doutora Sophia Aurea, ao me fitar nos olhos. — Na sua mente você é o deus, você controla seu mundo interior!

— Está fugindo ao controle, doutora! — resmungou um enfermeiro de quase dois metros de altura, temeroso como uma pequena criança.

O homem me segurou e aplicou uma injeção quando vociferei.

— Eles vão te pegar! O monstro de três braços atrás de você!

O homem de supetão saltou para trás, se esquivando, quando a doutora falou comigo.

— É tudo coisa de sua cabeça! Não existe monstro algum! Pense nisso!

O enfermeiro, em um golpe, me empurrou com força contra o leito e aplicou novamente uma injeção do estilo mata-leão e tudo desapareceu diante de mim.

Ao acordar no dia seguinte, fitei o vazio do quarto onde estava; uma suave chuva batia contra a janela, fazendo descer gotículas pelo vidro. Depois de um tempo parado ali, desejei fugir. Por coincidência, ao olhar para a porta, notei que estava entreaberta. Tirei as amarras sem esforço e caminhei pelo corredor de modo sorrateiro ao me esgueirar entre as trêmulas luzes de velas, como se tivesse faltado luz.

Caminhei agachado por muitos metros até fitar a sala da doutora Sophia Aurea, que conversava com outro doutor. O que ouvi me deixou estupefato.

— A projeção de seus pensamentos na realidade exterior está aumentando de intensidade — comentou o doutor que era um físico. — O surto psicótico projetado faz, de alguma forma, emanar energia e partículas do vácuo quântico ao mundo real, dando lugar à matéria com características diferentes emergindo na nossa realidade. Há alguns níveis de realidade dessas projeções que extrapolam a ilusão, sendo tão reais quanto nós. É como se ele tivesse um universo dentro de si sendo expelido.

Como aquilo poderia ser possível? Para eles, a diferença da qualidade da projeção de

pensamentos definiria uma ilusão de realidades sobrepostas. Ouvi aquilo perplexo quando.

— Por enquanto — interrompeu a doutora —, essas projeções estão sob controle, mas hoje achei que ele iria matar o enfermeiro.

— O alcance das projeções mentais tem oscilado muito, sendo menores em um ponto, mas agora indo além dos limites do hospital. Ele parece ser mais poderoso que a mãe.

— Talvez por ter sido fruto das próprias alterações na realidade — respondeu a doutora, perplexa.

De repente, lembrei-me; minha mãe havia ficado grávida de verdade apenas por desejar ter um filho, sem saber que seu filho se tornaria um dos mais poderosos projetores de realidade, gerando pensamento projetados, com uma capacidade nunca vista dentre todos os *Homo omni*.

Não se sabe ao certo quando surgiram os primeiros *Homo omni*, pois por séculos eles camuflavam dos demais sua condição de deuses, porém, alguns mitos antigos pareciam aludir a presença inóspita de nossa espécie, como a lenda dos gênios da lâmpada que minha mãe contava se tratar de um *Homo omni* aprisionado por outro mais poderoso. Alguns especulavam que éramos como o elo perdido entre homens e deuses em um tempo perdido nas brumas da história humana como mitos.

Mas, por começar a lembrar daquilo, tive sensações incomuns que poderiam pôr todos em risco. Contudo, continuei a ouvir a conversa de soslaio.

— Como está o progresso de desenvolvimento da droga? — indagou o físico à doutora Sophia.

— Ela provoca uma inibição na intensidade dos pensamentos, mas enfraquece o espírito dele. É como se parte de sua centelha de vida fosse determinada pela intensidade desses pensamentos. Parece que ele é apenas mente e, seu corpo, um pálido invólucro de carne projetado por ela.

— Talvez realmente a mente dele projete seu corpo. Isso faz pensar que os seres projetados pelos desejos possam ser tão reais quanto eu e você — comentou o físico, coçando a cabeça.

— Possível, mas ao ocorrerem essas projeções exteriores de pensamentos, há atividade que nunca vi em determinadas partes do cérebro, como na glândula pineal. Os fenômenos quânticos têm origem lá. Talvez seria a solução, se conseguíssemos inibir as atividades exclusivamente dessa parte do cérebro.

— Estamos tendo dificuldade para discernir ilusão de realidade, pois temos algo sem precedentes em nossas mãos, doutora; não podemos deixar de estudar a ordem desse poder transcendente. Uma ciência desenvolvida disso poderia nos tornar literalmente deuses de nossa própria realidade. — concordou o físico.

— Ou produzir esse poder talvez fosse capaz de causar nossa própria destruição, como a mais poderosa arma. Você viu que a mãe dele destruiu uma cidade inteira quando foi hostilizada pela população. E ela declarou que nem havia usado todo seu potencial. Apenas desejou que a cidade desaparecesse. Vou te dizer, se João Dourado for mais poderoso que ela, talvez os rumores de que seria capaz de criar uma realidade mais real que a nossa sejam verdadeiros; é um poder sem limites conhecidos pela ciência e talvez por ele próprio.

Mal conseguia acreditar no que escutara quando, repentinamente, lembrei-me de tudo o mais, do que eu mesmo me fiz esquecer, pois acreditava que se pensasse ser uma pessoa normal, assim seria. Tudo aquilo era um ardil criado por minha própria mente, a fim de tentar compreender-me e colocar limites à mente mais poderosa conhecida. Fora, então, que eles perceberam minha presença e se levantaram, assustados, vindo em minha direção. O físico comentou:

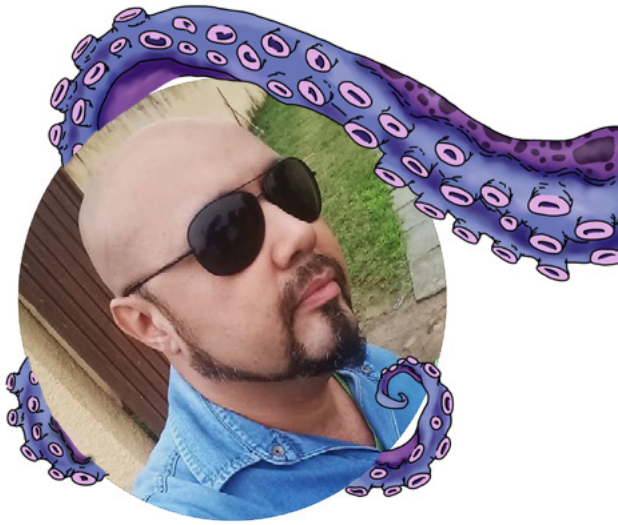
— Não se preocupe, ele não está criando nenhuma alucinação!

Mas era tardio o clamor dele, pois a doutora gritou socorro aos enfermeiros e quando me dei conta, estava sim tendo mais uma projeção de pensamentos. Eles próprios, os doutores e os enfermeiros, assim como todo o hospital, foram

uma criação de minha mente, em uma tentativa de cessar seus efeitos no meu mundo, pois tudo que mais ansiava era ser normal.

A doutora vinha em minha direção quando se deu conta que desaparecia. Ela soube que era uma projeção. Eu havia tornado inexistente a única realidade possível à ela, tornando-me a divindade que já parecia ser.

Sophia ficou assustada ao perceber que ela mesma se originara em minha mente transcendente, mas como poderia, se ela se lembrava de toda uma vida?



William Fontana

Pseudônimo de Gerson M.A. fotógrafo, autor, teólogo, filósofo e pedagogo por formação. Portador da Síndrome de Asperger com superdotação (Qi 163), trabalhou em eventos culturais nas Lonas Culturais no Rio. Posteriormente, trabalhou na Rede Globo como fiscal de figuração pela agência MMCDI na novela *Avenida Brasil*. Membro votante do Plano Estadual do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas do Rio de Janeiro, membro do Clube de Leitores de Ficção Científica e da Sociedade de Artes de São Gonçalo. Escreveu artigos para a *Revista Somnium*, teve mais de 20 contos selecionados e publicados na *Revista Litera Livre*, site Maldohorror, Primeiro Capítulo, Conexão Literatura, Creepypasta Brasil nas antologias *Arte do Terror, Mirage, Nemephile*, assim como autor da semana com artigos de destaque na *Obvious Mag*. Finalista de diversos concursos literários. Tem 27 livros escritos e dois publicados, *Adormecidos* e *Síndrome celestial*.

NO AR

Andreia Silva se deteve no amplo saguão iluminado artificialmente. Com a bolsa de napa preta do notebook atravessada no ombro esquerdo, ela agarrava a alça da maleta enquanto buscava a cafeteria.

As portas do refeitório do hotel só abririam aos hóspedes às seis e meia, conforme o aviso no cartaz em cima do balcão da recepção. Andreia tinha decidido abandonar mais cedo sua suíte e rumar de táxi ao aeroporto.

Que fome! — murmurou quando ouviu a própria barriga reclamar, enquanto digitava as informações no teclado digital do terminal de check-in.

A mão sobre a boca ocultou um bocejo — despertara praticamente de madrugada —, sentiu nos lábios o toque frio dos seus anéis trabalhados em ouro e o caro perfume adocicado exalando entre os dedos magros.

Após confirmar o horário do voo da companhia regional Poti Linhas Aéreas, programado para decolar às seis e cinquenta, enfiou o papel do embarque no bolso do seu terninho azul escuro engomado à perfeição.

Não foi difícil para Andreia distinguir a aglomeração reunida em torno da cafeteria situada ao fundo do corredor, a uns cinquenta metros de onde estava, perto das fileiras de carrinhos para bagagens.

Jogou para trás as mechas do cabelo liso clareado que lhe caíam charmosos sobre a face, e, inclinando levemente a maleta de bordo, começou a rodá-la naquela direção. O estômago roncou novamente quando o aroma agradável do café recém passado penetrou suas narinas.

Para desgosto do seu paladar, a atendente tinha adicionado ao leite mais café do que estava acostumada. Obrigou-se, então, a suavizar a mistura. Rasgou sem culpa dois sachês de açúcar mascavo e verteu-os no líquido, ignorando sua regra de satisfazer-se com a porção de um invólucro. E mordeu o pão.

Meu Deus! Depois disso vou ter que me matar na academia por umas duas horas sem descanso!

Primeiro, namorou a própria imagem refletida no vidro temperado da vitrine do balcão de alimentos do aeroporto. Depois, pagou com o cartão, pegou a bandeja e sentou-se ao redor da mesinha redonda de granito. Bastou um trago da bebida quente para encher-se de energia.

Animada, relembrou a recente cirurgia estética a que havia se submetido. Desfrutava ainda da deliciosa sensação de autoestima que lhe envolvia por dentro, após sobreviver ao seu "sacrifício da faca".

Empenhara-se com gana em contar a história acerca de sua cirurgia a cada uma das amigas que a visitavam quase todos os dias, encorajadas a ouvirem-na durante o seu período convalescente. Andreia esquecia, nessas ocasiões, o abdômen duro e dolorido dos primeiros dias após a intervenção, encurvada no espaldar da poltrona instalada na suíte do primeiro andar.

Quando, então, o médico-cirurgião recebeu-a na luxuosa clínica situada no moderno Centro Comercial, estampando um sorriso encantador, apontou gentilmente a cadeira macia para que ela estivesse cômoda, encorajando-a de modo convincente. Sua decisão em submeter-se ao procedimento cirúrgico valeria a pena, disse ele, em pouco tempo ela se sentiria uma nova mulher.

— Sua satisfação não tem mesmo preço, dona Andreia! Além do mais — garantiu —, é uma técnica segura. Evidentemente — ressaltou —, a senhora se alimentará, doravante, de forma adequada, para que perdurem os resultados.

— Claro, doutor! Seguirei suas orientações à risca. Aliás, eu só vim aqui — confessou, em tom alegríssimo — porque o senhor foi super bem

recomendado por duas das minhas melhores amigas!

— Ora, obrigado! — Andreia percebeu-o baixar a vista por um segundo e estudar o volume dos seus seios sob a finíssima bata branca que a enfermeira a tinha feito vestir. — Também deverá se exercitar regularmente — disse, alçando a vista —, mas não se preocupe, eu indicarei o momento certo após a cirurgia. — E dispensou outro amável sorriso. — Bem, agora vamos a isso? — levantando-se, indicou-lhe a pequena cama ao lado. — Deite-se, por favor, vou examiná-la.

Lembrou-se do momento em que o cirurgião lhe retirou definitivamente a cinta envolta à cintura. Tinha corrido imediatamente a medir-se frente ao espelho do consultório.

— Ai, como estou feliz, doutor! — A intervenção lhe pareceu realmente o melhor investimento em que havia apostado.

Ela apreciou o volume, o contorno dos seios e a linha espetacular do abdômen. Já não havia rastros da passagem dos três filhos: a de 27, o de 14 e a de 12 anos.

— Não posso mais, de jeito algum, exagerar nas quantidades que como — ressaltou à melhor amiga —, e botar tudo a perder agora que posso exibir a barriguinha plana de quando eu tinha vinte anos, minha querida! Não mesmo! — tinha prometido, ainda tesa na poltrona do quarto, e ambas gargalharam.

No aeroporto, escancarou as páginas da agenda e começou a programar as providências consideradas urgentes. Sorvendo goles do café quente.

Uma delas era contar ao marido e aos três filhos: Paula, Anderson e Mariana, assim que pusesse o pé na soleira da porta de casa naquela mesma manhã, o interessante teor de um dos e-mails lidos na noite anterior.

Darei uma boa notícia para toda a família, disso eu não tenho qualquer dúvida!

Ligara para o marido no dia anterior e comentara por alto suas pretensões, mas tinha preferido não lhe adiantar nada. Diria pessoalmente. Tudo estava saindo melhor do que planejara.

Considerou a decisão. Não se equivocava ainda que a relação com Mateus não fosse das melhores nos últimos meses. Se o marido se agarrara a ideia de tocar firmemente seu plano, ela, por outro lado, tivera cuidadosamente outro aspecto em conta, e não queria provocá-lo.

Bem, tratarei de fazer a minha parte, ninguém poderá me acusar do contrário se as coisas não funcionarem!

Arqueou a vista e suspirou profundamente. Ao fim e ao cabo, tinha ponderado o futuro dos três filhos, sobretudo dos pequenos: Anderson e Mariana. Paula, a mais velha, já podia perfeitamente se valer por si.

Levou mais alguns minutos registrando outras tarefas a cumprir, de que podia se lembrar, nos horários e dias correspondentes nas folhas da agenda. Bebeu, por fim, o conteúdo da xícara. Durante o trajeto até Natal, o único lanche que costumavam servir a bordo era o pacotinho de biscoito.

Apenas cinquenta minutos... não comerei nada mais até o almoço!

Suspenso pelo fio de aço pendendo do teto moderno, o relógio retangular do terminal do aeroporto mostrava precisamente 6:34 quando Andreia deslizou sua maleta até o portão de embarque.

Foi a antepenúltima a mostrar o bilhete de embarque ao bonito comissário de gravata vermelha (não pôde deixar de notar a discreta beleza do rapaz), amável e ereto atrás do balcão móvel da companhia.

Cruzou a porta envidraçada e avançou vários metros sobre a pista do aeroporto, obedecendo a fila indiana até subir a escadinha retrátil da pequena aeronave.

O céu tropical tingira de vívido azul a agradável manhã.

Justamente às 6:50, o bimotor modelo LET-410, com 14 passageiros e dois tripulantes, taxiou na pista principal enquanto a aeromoça esguia e impecavelmente vestida se equilibrava sobre saltos no corredor estreito da aeronave, entediando os passageiros com normas de segurança. Dois minutos depois, o avião acelerou sobre o asfalto.

Através da janelinha, Andreia viu as faixas

brancas pintadas simetricamente ao longo da pista passarem por ela cada vez mais velozes. Por sorte, chegaria mais cedo em casa após ter trocado o horário do voo.

Quase no final da pista, o avião levantou o nariz negro para alçar voo. Da torre de tráfego aéreo, os funcionários ouviram o que pareceu ser um retumbante tiro de canhão rasgando o ar. Mas a aeronave azul e branca de seis toneladas ganhou altura e seguiu.

— Deve ter sido fogo de artifício do lado de fora do aeroporto — comentou, ao companheiro, um dos técnicos que monitorava o radar, após o silêncio prolongado do piloto.

Ele não ignorava as centenas de residências cercando o perímetro da pista do aeroporto, praticamente metido na zona urbana densamente povoada da cidade do Recife, e então associou o som a tardios festejos juninos.

Nem bem passou-se um minuto, o piloto alertou pelo rádio a falha no motor esquerdo. Tinha deixado de funcionar após soluçar com força suficiente para estremecer a fuselagem por alguns segundos:

— Vamos voltar! — anunciou ele à torre.

Conforme as instruções de praxe, o controlador de voo autorizou o retorno da nave avariada à pista do aeroporto. Era uma emergência. O comandante deveria regressar pelo mesmo trajeto por onde baixavam os aviões que aterrissavam. Só agora o técnico havia compreendido a origem do estrondo, mas sabia que, naquelas condições, seria perfeitamente possível ao piloto pousar a nave valendo-se apenas de um dos motores.

— Permissão concedida ao voo 4896.

— OK, retornando — obedeceu, lacônico, o comandante, torcendo o manche com dificuldade para tentar dar a volta.

Um minuto depois, ele se deu conta de que a turboélice da asa direita também não tinha força suficiente para impulsionar sozinha o avião de fabricação tcheca.

— Torre! — chamou outra vez. — Não há como chegar ao outro lado. O motor direito não está respondendo com a potência necessária. Estamos praticamente planando! — informou com voz trêmula.

Reagindo ao tom aflito do piloto, o controlador umedeceu os lábios e tentou aliviar a incômoda pressão. Precisava se esforçar ao máximo para controlar o nervosismo, contando com calma suficiente para ajudar o piloto na difícil missão que se avizinhava.

— Autorizado a pousar na cabeceira da pista 2! — instruiu ele firmemente, depois do que pareceu um longo silêncio vindo da cabine compacta do bimotor.

Acomodados nos assentos, os passageiros pareciam inocentes à gravidade, acostumados às ligeiras turbulências rotineiras do bimotor, e habituados ao vaivém semanal entre uma cidade e outra da costa oriental do Nordeste brasileiro.

Arriscando a manobra, o experiente piloto acentuou o giro da curva, contando apenas com a reduzida velocidade de arrasto do aparelho. Dada a extrema condição, aterrissaria por onde havia subido, em vez de tentar alcançar o asfalto pelo outro lado, como lhe havia instruído inicialmente a torre. Ciente, porém, de que correria o infortúnio de chocar-se com outra nave que por desventura decolasse em sentido contrário naquele instante, caso se equivocassem. Confiaria cegamente nas informações do controlador.

A sucessão de estalidos no rádio e, a seguir, o nervosismo das vozes solapadas entre o comandante, seu auxiliar de cabine e o técnico na torre:

— Emergência! Não chegarei... não há força suficiente para..., tentarei sobrevoar a praia! — gritou o comandante.

— 4896, relate sua posição! — disparou o técnico.

Do outro lado, o desespero tomou conta, o avião era pesado demais para atuar como planador.

— … baixe o nariz, baixe o nariz, pelo amor de Deus! — berrou desesperado o copiloto, quase ao mesmo tempo em que o companheiro grudado ao manche gritou qualquer coisa. Luzes vermelhas ao lado dos mostradores no painel não paravam de piscar.

— ... tentando... porra... me ajude aqui!

Meu Deus... — foi a última frase que ouviram o piloto gritar.

Olhando para cima e vendo que o avião voava rente à cobertura dos prédios luxuosos e sem aparente ruído, o pedreiro de uma obra próxima ligou rapidamente a câmera do seu celular, focou no céu e começou a gravar.

— O avião vai cair! — gritou aos companheiros, enquanto filmava.

Segundos depois, o bimotor enfiou por detrás dos edifícios da orla de Boa Viagem e desapareceu momentaneamente do alcance da tela do telefone, em direção à praia.

O operário e os dois colegas acabavam de trocar de roupa para começarem a trabalhar, e decidiram ver o que tinha acontecido do outro lado do prédio, que lhes obstruía completamente a visão.

No afã da correria, o solo estremeceu sob seus pés. Foram as primeiras testemunhas ante o único terreno baldio existente entre o paredão de arranha-céus e o oceano Atlântico à frente. Boquiabertos diante do emaranhado de metais retorcidos como tecidos dobrados, fios e cabos pendurados, cadeiras destroçadas e a poeira subindo dos objetos desconjuntados, formando um acúmulo de ferro velho desgrenhado.

Cerraram os dentes e correram em direção ao que permanecia de pé, a cauda branca do avião, despontando do matagal igual a um pavilhão voluntarioso.

Em suas mentes, só havia o desejo de socorrer os acidentados. Distinguindo uma silhueta humana, quase como um fantasma, no meio da cortina cinzenta, a cambalear entre as ferragens tentando escapar dos destroços, o operário gritou:

— Olha lá, é uma mulher! — e avançaram em sua direção.

Mas recuaram bruscamente ao experimentarem nas faces a explosão instantânea e ensurdecedora de toneladas de ar quase atirando seus corpos para trás, sufocando-os de calor abrasador, e, em seguida, a visão ofuscada pelas ameaçadoras labaredas do fogo começando a arder ferozmente no que havia sobrado.

Diógenes Carvalho Veras

2003: Mestre em História Antiga pela Universidad Complutense de Madrid/ UFPE;
2006: Professor de História da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte;
2009: Publicação de *Contos da cidade do Natal*, Natal-RN;
2016: Doutor pela Universidade Complutense de Madrid/UFERJ;
2016: 2ª edição de *Contos da cidade do Natal*, Madrid;
2017: Publica livro de poemas, Natal;
2017: Alguns poemas selecionados em concursos brasileiros e publicados em revistas, livros e outras formatos;
2018: Poema *Luz*, obtém o primeiro lugar numa das categorias do concurso da Prefeitura de Pindamonhangaba-SP.

diogenesveras@hotmail.com

A literatura não está somente na palavra escrita. Aqui na Literomancia, consideramos literatura todos os tipos de narrativas. Quadrinhos e tirinhas contam histórias e encantam aos leitores tanto quanto contos e romances. Da mesma forma, ilustrações e desenhos carregam complexas narrativas e segredos em cada pincelada, seja o pincel feito de cerdas ou pixels.

Nesta edição

O fantástico também é sobre explorar. Um dos exercícios que toda arte possui é o de transpor, fazer traduções e adaptações de obras de outras artes. Desde adaptações mais óbvias, como os filmes inspirados em livros e quadrinhos, até as mais diferentes, como uma coreografia de dança, podem expressar o sentimento de uma pintura surreal. Por isso é tão importante trazer artistas para a revista, pessoas criativas que não têm medo de explorar sua imaginação para criar novas formas e novos conceitos, que podem e devem influenciar outras artes. Confira, a seguir, as artes de Roberto Schima e Al Stefano!

Clique aqui e envie sua arte!

ROBERTO SCHIMA

ILUSTRADOR E ESCRITOR

No início dos anos 1990, Schima foi colaborador de diversos fanzines nacionais e estrangeiros de ficção científica, fantasia e horror, mas depois passou um longo período longe de trabalhos desse tipo. Todavia, como em anos mais recentes, tem procurado se firmar como autor, adiando, assim, o aludido retorno. Define-se como ilustrador de ficção científica, fantasia e horror. Schima nos conta que críticos costumavam dizer que seu modo de desenhar era facilmente identificável devido aos detalhes, em geral, e ao uso do pontilhado, em particular. Em suas ilustrações, utilizava materiais como lápis, canetas nanquim de 0,2 e 0,5mm e blocos de desenho.

Schima gosta de ler livros e revistas de divulgação científica, biografias, história, literatura em geral e, mais especificamente, gosta dos gêneros de ficção científica, fantasia e horror. Conta-nos que alguns de seus livros preferidos são *Cosmos*, de Carl Sagan, *A escalada do homem*, de Jacob Bronowiski, entre outros. Quando jovem, ele contou que gostava de jogar os clássicos *Duke nukem, Blood, Shadow warrior, Quake, Age of empires, Starcraft* e *Total annihilation*. Hoje, prefere assistir a filmes que chamem a atenção pelo enredo, direção, atuação dos atores, independentemente de gênero. Roberto nos conta que alguns de seus filmes favoritos são *Tomates verdes fritos, Houve uma vez um verão, Spartacus* (de 1960), *Em algum lugar do passado, Forrest Gump*, entre outros.

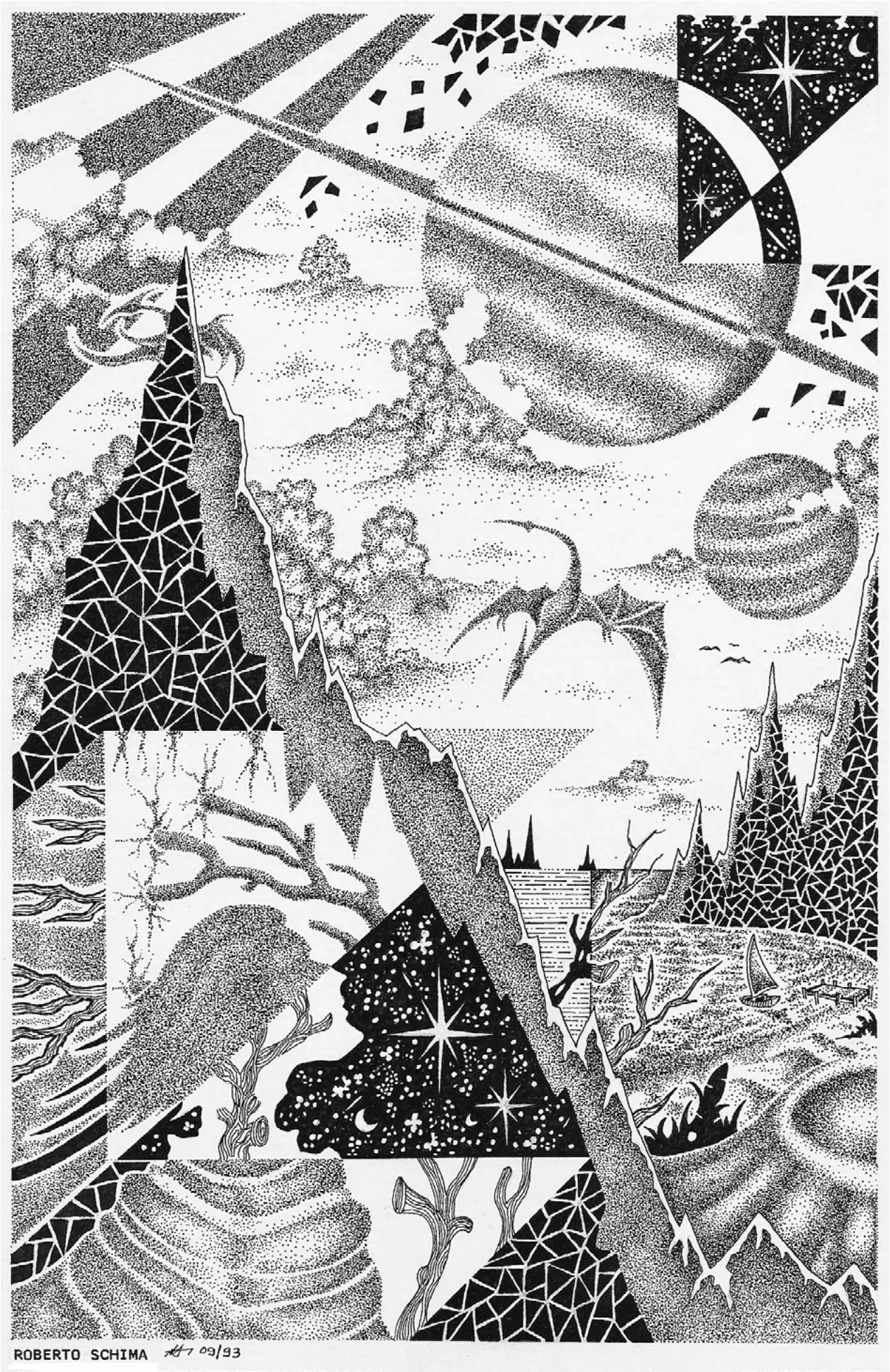
Como escritor, ganhou o Prêmio Jerônymo Monteiro, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Editora Record), com a história *Como a neve de maio*. Também publicou, entre outros, o romance *O olhar de Hirosaki* e a noveleta *Os fantasmas de Vênus*. Suas últimas publicações foram contos que saíram na revista *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, boa parte dos quais foram reunidos no livro *Sob as folhas do ocaso*. Além disso, este ano está participando de várias antologias.

Dentre os planos de Schima para o futuro, estão continuar a colaborar para a *Conexão Literatura*, participar de antologias e, também, ter a oportunidade de divulgar seus trabalhos em futuras edições da *Literomancia*; Mas comenta que, por hora, não pretende fazer novas ilustrações.

A seguir, confira algumas das artes de Roberto Schima!

10/95
ROBERTO
SCHIMA

JAN 91
SCHIMA


ROBERTO SCHIMA 09/93

AL STEFANO

AUTOR E ILUSTRADOR DE LIVROS E QUADRINHOS

Al Stefano iniciou a carreira como ilustrador nos anos 1990 atendendo as maiores editoras do País em livros didáticos, literatura e revistas, além de produtos, jogos, storyboards e publicidade. Participou de diversas publicações de HQs, como *Por mais um dia com Zapata*, *São Paulo dos Mortos, Archimedes Bar, Bichos, Orixás, Metal Pesado, Monica(s), Zemurai* e *Pelota*, entre outras. Como autor, lançou *As aventuras coloniais de Mineirão e Zé Bonfim*, projeto contemplado pelo Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo.

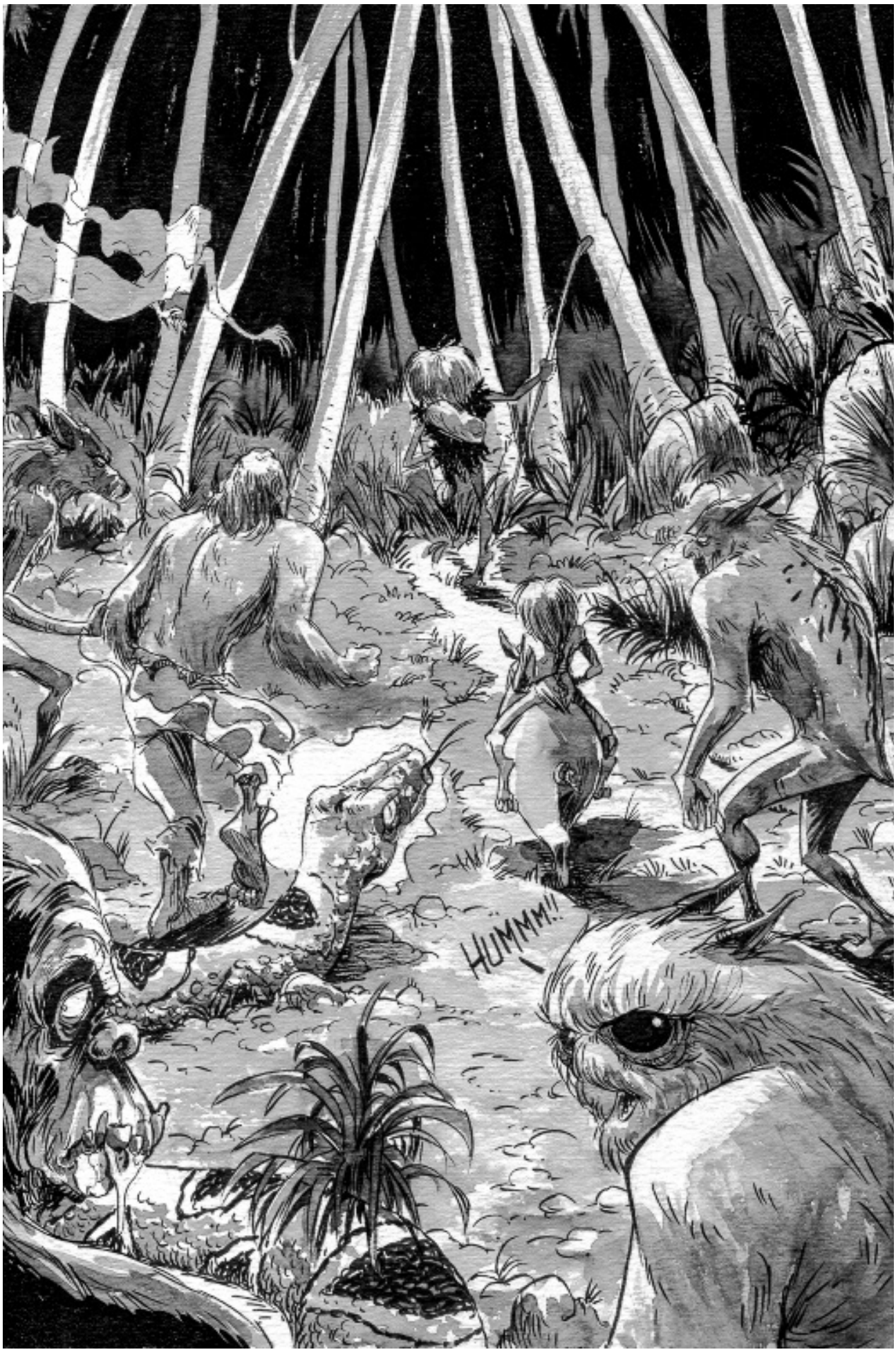
Inspirado por Manuel Salustiano Soares, o Mestre Salu (1945–2008) — uma das maiores autoridades em cultura popular do Brasil —, Al Stefano produziu seu novo livro em quadrinhos, *Salseirada*, pela Zapata Edições.

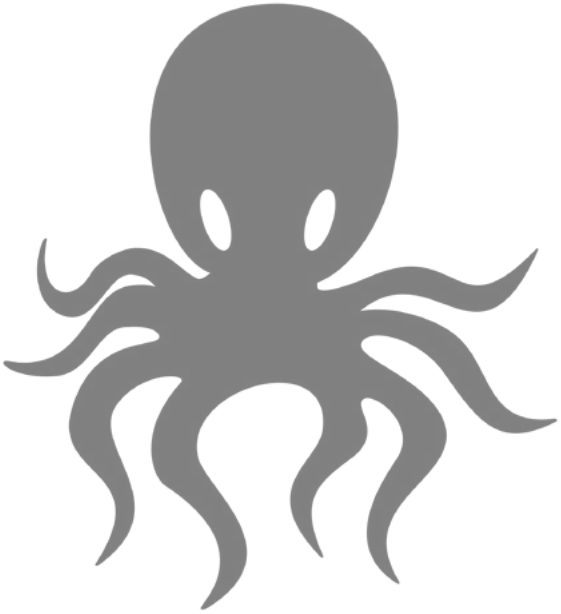
A história já estava pronta quando Stefano, durante o processo de pesquisa iconográfica, se deparou com a rica trajetória de Mestre Salu e, por coincidência, com seu quarto e último disco, chamado Mestre Salu e a sua Rabeca Encantada. A partir daí, as canções do rabequeiro embalaram o trabalho do artista na produção de *Salseirada*.

Repleta de referências ao folclore brasileiro, a trama do quadrinho mostra como o rabequeiro Salú encontrou a "rabeca do tempo", instrumento mágico que controla o clima. Junto com sua irmã e um amigo, ele percorre o sertão nordestino levando música e chuva para aliviar o sofrimento de pequenos lavradores assolados pela seca e pela fome.

No passado, porém, a rabeca do tempo pertenceu a um coronel ganancioso, que usou o instrumento mágico para eliminar desafetos e prosperar. Agora, seu neto e um bando de jagunços querem recuperar a rabeca a qualquer preço. Somente a intervenção de espíritos da floresta, como a Caipora, Pé de Garrafa, Quibungo e Lobisomem, pode impedir que ela retorne para as mãos erradas.

A SEGUIR, CONFIRA ALGUNS TRECHOS DA HQ *SALSEIRADA*!


HUMMM!!



LITEROMANCIA

contos

quadrinhos

resenhas

ilustrações

e mais!

Volume 1 | Nº 4 | 2020